

QK263
.H6



LIBRARY OF
THE NEW YORK BOTANICAL GARDEN

Expedição Scientifica Rosevelt-Rondon

Annexo N. 2

BOTANICA

Relatorio apresentado ao Sr. Coronel de Engenharia
Candido Marianno da Silva Rondon, Chefe
da Commissão Brasileira

POR

F. C. HOEHNE
Botanico da Expedição.



Rio de Janeiro - Novembro de 1914.

INTRODUCCÃO

Em Fevereiro de 1913, fomos nomeado para o cargo de Chefe do Gabinete de Botanica da Inspectoria de Pesca do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio e, exercendo aquelle cargo, foi nos apresentado em Novembro do mesmo anno, o convite para acompanhar, como botânico, a Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon; o qual nos foi apresentado, por intermedio do Tenente Dr. Jaguaribe de Mattos, pelo Coronel Candido Mariano da Silva Rondon, chefe da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas do Matto Grosso ao Amazonas e escolhido pelo Governo, para dirigir a commissão, que sob o titulo acima, iria acompanhar o Coronel Theodoro Roosevelt, em sua viagem ao interior do nosso paiz.

Sabendo que a referida Expedição demorar-se-ia algum tempo no Estado de Matto Grosso, antevimos, neste honroso convite, uma magnifica occasião para levarmos a effeito alguns estudos sobre a flóra aquatica daquelle longinquo e, neste sentido, tão pouco explorado Estado. Compartilhando o director da Pesca, d'esta nossa idéia, resolvemos acceder ao convite, officiando o Sr. Alipio de Miranda Ribeiro, director da Pesca, ao Ministro da Agricultura neste sentido, designando nos para aquella Commissão. Não era no entanto, só este, o fim, pelo qual accedemos ao convite com que fomos distinguidos; estando desde 1908 occupados com estudos botânicos naquelle Estado, éra-nos muito bemvindo qualquer ensejo que tivéssemos para os continuar. Servindo como botânico na Commissão de Linha Telegraphica, em Matto Grosso, fizemos duas viagens á aquelle Estado, sendo a primeira de Junho de 1908 e estendendo-se até Novembro de 1909 e a segunda de Dezembro de 1910 até Abril de 1912. Nestas viagens conseguimos reunir uma bella collecção de plantas, porém, a mesma, que se compõe de mais de 1500 especies, contém apenas plantas superiores, principalmente phanerogamas. Títavam-nos portanto as plantas inferiores, estas microscopicas aquaticas com que ultimamente mais nos occupavamos no nosso Gabinete e, era este o outro motivo imperioso que nos não deixou vacillar um momento.

Tendo accedido ao convite e chegando o Coronel Dr. Candido Mariano da Silva Rondon a esta Capital, communicou-nos elle que o Sr. Alipio de Miranda Ribeiro, que tinha sido convidado como zoologo para esta Expedição, não havia podido attender ao convite, e, afim de não ficar totalmente perdido aquella parte do serviço, contratou os taxilemistas Arnaldo Blake de Santanna e Henrique Reimish, encarregando-nos da direcção da colheita d'aquelle material, que depois ficaria aos cuidados do mesmo Sr. Miranda

Ribeiro. Embora nos sentíssemos sobrecarregados e mesmo sem proficiência para esta incumbência, a acceitamos, attendendo ás circumstancias do momento e em attenção aos nossos mui estimados chefes, Coronel Rondon e Sr. Miranda Ribeiro, principaes interessados n'este serviço.

Em 25 de Novembro, tudo tinha sido organizado, e, de malas promptas, tomámos passagem a bordo do «Amazon» da Mala Real Inglesa, transportando-nos para Montevidéo, onde transbordamos para o «Venus» do Lloyd Brasileiro, o qual nos levou até Angastura, na Republica do Paraguay, onde fomos obrigados, devido á falta de agua para navegarmos, a transbordar para o «Brasil Fluvial», tambem da mesma Empresa, com o qual chegamos, a 14 de Dezembro, em Corumbá. Foram nossos companheiros nesta viagem: o Dr. Fernando Soledade, Henrique Reinisch e Arnaldo Blake de Santanna, que tambem faziam parte da mesma Expedição.

Em Corumbá, fizemos a nossa primeira estação; é esta, uma bella cidade que se acha situada á margem direita do rio Paraguay, em uma eminencia do terreno pouco abaixo do ponto em que a bahia de Caceres desagua no mesmo rio, é o porto principal de todo o Estado e a cidade mais bella do mesmo, tem edificios modernos e ruas bem delineadas, mais ou menos 10 a 12.000 habitantes, muito commercio e alguma industria. A população compõe-se, na grande maioria, de estrangeiros, predominando Paraguayos, Argentinos, Allemães, Italianos, Ingleses e Arabes, em cujas mãos está, quasi todo o commercio. O clima de Corumbá, é excessivamente quente e secco, o que podemos attribuir em grande parte ao terreno calcareo sobre o qual está edificada.

Em Corumbá nos demoramos alguns dias esperando conducção para S. Luiz de Caceres; durante este prazo de tempo, fizemos pescas de plankton na grande lagôa de Caceres e visitamos, em companhia do Dr. Euzebio de Oliveira, geologo da Expedição, a serra do Urucum na fazenda do mesmo nome. No dia 23 de Dezembro deixamos Corumbá em demanda de S. Luiz de Caceres, onde chegamos no dia 31 do mesmo mez.

S. Luiz de Caceres, antiga Villa Maria, talvez a terceira cidade do Estado, fica a margem esquerda do rio Paraguay, a uma legua da confluencia do rio Cabaçal e algumas acima da do rio Jaurú, é de clima mais ameno que Corumbá, porém mais atagadiça e plana, circundada por cerrados e matas que na estação das aguas são recortadas por grande numero de pequenos riachos e correjos temporarios, que formam pequenos lagos e lagôas, que no inverno não apresentam vestigios de agua. Nesta cidade nos occupamos com pescas de plankton e colheitas de material até o dia 5 de Janeiro, em que chegaram ali os Coronéis Roosevelt e Rondon e demais membros da Expedição, em companhia dos quaes, nos transportamos então para Porto do Campo, onde fizemos nossa terceira estação. Do Porto do Campo partimos, alguns dias depois, para Tapirapoa, onde fizemos a quarta estação e de onde visitamos, em companhia do Dr. Euzebio de Oliveira, a chapada da serra do mesmo nome. De Tapirapoa fomos ainda, com destino rio Gy-Paraná, até Salto da Felicidade, de onde fomos obrigados a retroceder para Tapirapoa e de lá para esta Capital onde chegamos a 20 de de Fevereiro.

* * *

Devido á falta de litteratura necessaria para a classificacão do material microscopico, não nos é possivel apresentar todos os resultados obtidos nesta

viagem, limitamo-nos a expor, n'este relatório, exclusivamente o material macroscópico, que, felizmente, conseguimos determinar ou approximar com o auxílio das obras da bibliotheca da Inspectoria de Pesca, que foi posta a nossa disposição pelo actual director da mesma, o Dr. Carvalho de Mello, pelo que, aqui deixamos os nossos sinceros agradecimentos.

O material microscópico, de que voltaremos a tratar em outro capítulo mais adiante, será publicado logo que nos seja possível a sua classificação.

Na distribuição systemática das espécies que colhemos, nos cingimos exclusivamente ao systema de Engler & Prantl, que é hoje universalmente acceto. Com referencia a classificação das diversas espécies que mais adiante enumeramos, cumpre-nos esclarecer, que as mesmas foram feitas, exclusivamente, pelas *descrições* expostas na Flora Brasiliensis de Martius e outras obras que consultamos, não tivemos ensejo de confrontar os nossos specimens com os de outros herbarios, é portanto muito possível, que uma ou outra espécie esteja mal determinada, e, desde já, nos declaramos gratos, pela indicação de erros, que n'este sentido tenhamos commettido.



OBSERVAÇÕES PHYTOGEOGRAPHICAS, PHYSIONOMIA E ASPECTO GERAL DA VEGETAÇÃO

Sendo a vegetação, que reveste a superficie da terra, influenciada no seu desenvolvimento e forma, por tres factores principaes, que são: a temperatura, os hydrometéores e o solo, claro é, que ella variará de aspecto e physionomia de accordo com a influencia exercida por estes. Tomando por base esta lei natural, o sabio professor Dr. Ad. Engler, director do Museu e Jardim Botanico de Dahlem-Steglitz em Berlin, organisou e publicou um plano ou systema para mappas phytogeographicos pelo qual é possível dar-se por meio de côres e signaes convencionaes a distribuição das diversas formações vegetativas de uma qualquer região tropical ou sub-tropical do globo; com a apresentação deste systema, o sabio professor, tem em vista harmonizar os diversos trabalhos e mappas phytogeographicos das citadas regiões do globo, facilitando desta forma a comparação entre as mesmas e a organização de um mappa geral. Claro é, que, para organizarmos um mappa desta natureza, devemos ter um mappa geographico muito fiel da região e além disto conhecimento profundo da vegetação da mesma, neste nosso caso, não temos nem um nem outro, o mappa de Matto Grosso, que está sendo feito pelo Coronel Rondon, ainda não está conuido e os nossos conhecimentos limitam-se ainda a uma pequena parte do mesmo, sendo de acrescentar, que ainda não temos classificado o material que obtivemos nas nossas primeiras viagens e que a nossa permanência em cada lugar, foi muito limitada, não tendo tempo bastante para observar nem para chegar a conclusões definitivas. Assim sendo, nos limitaremos nestas nossas observações, exclusivamente a descripção, deixando o mappa para mais tarde. Limitaremos estas nossas observações mais especialmente a região que nesta excursão visitamos e na qual colhemos o material que em outro capitulo descrevemos e enumeramos.

* * *

Matto Grosso, que é o coração da America Meridional e um dos Estados mais occidentaes do Brasil, é, segundo os ultimos calculos, com 1.600,500 kilometros quadrados, o segundo Estado maior do mesmo desta enorme superficie, poderíamos, sem grande difficuldade, recortar as superficies da Allemanha, França e Italia e ainda, nos obariam retalhos bastantes para

dois Portugaes e uma Hollanda, sem com isto deixarmos a população d'elle, no resto que ainda ficava, mais agglomerada que a da Allemanha actualmente. Si toda a população da China viesse estabelecer-se no Estado de Matto Grosso, não ficaria no mesmo tão agglomerada como a da Belgica actualmente. Este Estado, estende-se desde 7°30'-24°3' latitude austral e 7°47'-22°10' longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro e o seu clima varia, não só nas suas diversas latitudes, mas ainda nas diversas altitudes, nas diversas estações do anno. Pretender-se dizer algo sobre a flóra ou phytogeographia desse Estado, depende, portanto, de muito tempo e estudo, porque para conhecer é preciso ver e para ver teremos que viajar muito não temos esta pretensão, desejamos antes apresentar neste capitulo alguns dados que mais tarde possam servir para esse trabalho.

* * *

Como ficou exposto na introdução, visitamos nesta viagem, a região atravessada pelo rio Paraguay e seu tributario Sepotuba até ao primeiro salto deste ultimo, tendo occasião de estudar e de colleccionar exclusivamente nas margens ou lugares muito proximos ao curso dos mesmos, excepto nas nossas estações, onde nos estendemos mais um pouco em nossas excursões. São muito diversas as formas da vegetação com que se depara nesta região, porém, sem excepção, todas ellas são ou hydrophilas ou sub-xerophilas, sendo que, as primeiras são mais geralmente mattas e as ultimas campos, ha entretanto tambem muitos campos ou prados hydrophilos e tambem mattas sub-xerophilas, denominando-se os primeiros pantanaes e os ultimos cerradões, os primeiros apparecem mais especialmente a região do Grande Pantanal e os ultimos geralmente nos lugares mais elevados e não passam de uma formação de cerrado mais desenvolvido. A vegetação de Matto Grosso, compõem-se pois, de formações hydrophilas e sub-xerophilas que variam em forma e cor de accordo com a influencia do sólo, pois que o clima age de um modo mais geral e não contribue muito nas pequenas nuances que se distinguem na vegetação. As mattas como tambem os campos variam ainda muito entre si, não só quanto ás especies que mais as caracterizam, como tambem quanto ao desenvolvimento.

São muito caracteristicas as diversas formações vegetativas que encontramos no Planalto Central, as cabeceiras dos rios e todas as nascentes, são ali, circundadas por uma mata muito frondosa que é circundada por sua vez por uma faixa de campo paludoso completamente despido de arvores e arbustos, ostentando apenas, uma ou outra vez, alguns specimens de Buritys (*Mauritia vinifera*, M.) ou algumas touceiras de Burityãva (*Mauritia aculeata*, H. B. K.) que ora apparecem isoladas ou a em grupos estes campos que sempre contém grande numero de plantas menores, principalmente *Mayaceas*, *Burmaniaceas*, *Gentianaceas*, *Utriculariaceas*, *Droseraceas*, *Eriocaulaceas*, *Cyperaceas*, *Gramineas*, *Orchidaceas*, *Melastomaceas*, *Scrophulariaceas* e *Rubiaceas*, se tornam, de fóra para a mata, mais brejósos e são circundados por sua vez pelo cerrado, que, como a mata d'outro lado, se levanta como uma parede. Na citada mata, quasi nunca faltam *Mauritia vinifera*, Mart. a vegetação herbacea e sub-frutescente consiste geralmente de *Rapateaceas*, *Commelinaceas*, *Rubiaceas*, *Bromeliaceas*, *Calatheas*, *Zingiberaceas*, *Begoniaceas* e outras plantas proprias de terrenos humidos e sombrios.

Nas cabeceiras dos rios que correm para o norte e em algumas do sul,



Phot. Hoehne

1 — Cocos comosas e outras plantas da chapada da serra de Tapirapóan.



Phot. Hoehne

2 — Para-putido e outras plantas da chapada de Cassiporá.



Phot. Hoehne

1 Ilha de mata com *Attalea speciosa*, no campo de Tapirapouan.



Phot. Hoehne

2 Campo cerrado do chapadão da Serra de Tapirapouan, visível no primeiro plano uma *Lixeira* (*Curatella americana*) e mais no fundo uma *Vichysca* e outras plantas que caracterizam aquella formação vegetativa.

nas diferenças, apparecendo algumas especies que são mais frequentes num ou noutro lugar. Na Chapada apparecem ainda outras formações vegetativas muito interessantes, são estas que se desenvolvem ás vezes nos pequenos brejos e nas varzeas humidas e que poderíamos chamar formações de Comolia e de Macairea: para os lados de Juruena, já nas vertentes do norte, existem formações de *Comelia Hoehnei*, Cogn. e de *Macairea retundifolia*, Cogn. e *Mac. Hoehnei*, Cogn. que occupam, as vezes, quasi exclusivamente, grandes areas destes citados terrenos, os transformando de Março a Maio em verdadeiros jardins; ainda das *Melastomaceas*, apparecem tambem grandes grupos de *Microlicia humilis*, Naud. e de *Siphanthera ramoçissima*, Cogn. que vegetam nos lugares mais humidos e alagados, entre as quaes encontramos muitas especies de *Utricularias* e de *Droscras*.

Todas as formações vegetativas que encontramos em Matto Grosso, podem ser consideradas primitivas ou naturaes, porque, si não quizermos considerar as influencias do fogo como uma intervenção do homem, todas ellas apresentam ainda o cunho que a natureza lhes emprestou desde o principio; fazem excepção desta regra, as capociras desenvolvidas nos lugares onde civilizados ou aborigenes destruíram as mattas existentes, para por alguns annos cultivarem o terreno com cereaes e plantas tuberigeras. As capociras distinguem-se das outras formações de mattas, principalmente pela maior densidade das arvores e pelo desenvolvimento das mesmas: grande parte das suas arvores, são de pouca duração, seccam depois de alguns annos e deixam desta forma mais espaço para outras mais resistentes, que, de desenvolvimento mais demorado, são a principio suffocadas pelas primeiras. É as capociras, portanto, com frequencia, na região habitada pelos indios Nambyquaras e tambem perto de todas as povoações e cidades do Estado, porém, não em tal proporção como acontece nos outros Estados mais populosos e agricultores. Nas formações primitivas, podemos distinguir quatro tipos definidos de formações vegetativas, que são: as silvestres (mattas), campities (campos), palustres (pantanos) e as lacustres (aquaticas) que ainda por sua vez se subdividem em muitas formas e tipos, variando de colorido de accordo com o terreno. Passemos pois a estudar estas diversas formações na região por nós atravessada nesta Expedição, começando desde a bocca do rio Paraná, formado pela confluencia do rio deste nome com o rio Paraguay.

* * *

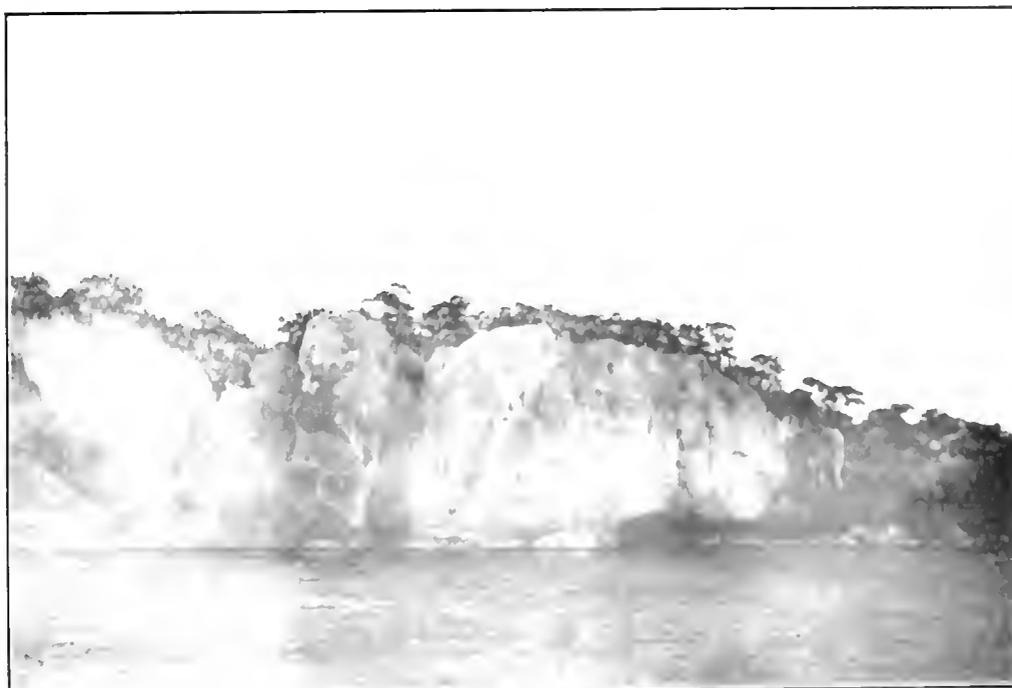
O rio Paraná, que desemboca, com o Uruguay, no grande estuário do Prata, atravessa na sua parte inferior, na Republica Argentina, uma grande planicie de terrenos sedimentados, que, naturalmente, são o resultado da sedimentação das pequenas particulas de rochas que no decorrer dos seculos as aguas foram transportando do Grande Planalto Central, onde a sua erosão formou as escavadas e interessantes anfractuosidades que caracterizam o contraforte sul da serra, que sob diversos nomes, atravessa de leste a oeste, em graciosa curva cheia de flexões e de saliencias e reentrancias todo o estado de Matto Grosso e, do qual deixou ainda isolado ou agrupado uma ou outra montanha já destacada do systema geral; nas barrancas do rio, póde-se ver nitidamente a superposição das camadas que se foram sedimentando no decorrer dos seculos, as diversas camadas correm parallellas e são geralmente divididas ou limitadas por um traço mais escuro, sendo que, em geral, a primeira já é mais dura e apparece em muitos pontos como rocha mais ou menos compacta.

Na direcção em que o rio atravessa esta planicie existe um tahlweg



Phot. Haeberle

1 — Restos de um carandasal (*Copernicia cerifera*), na República do Paraguai.



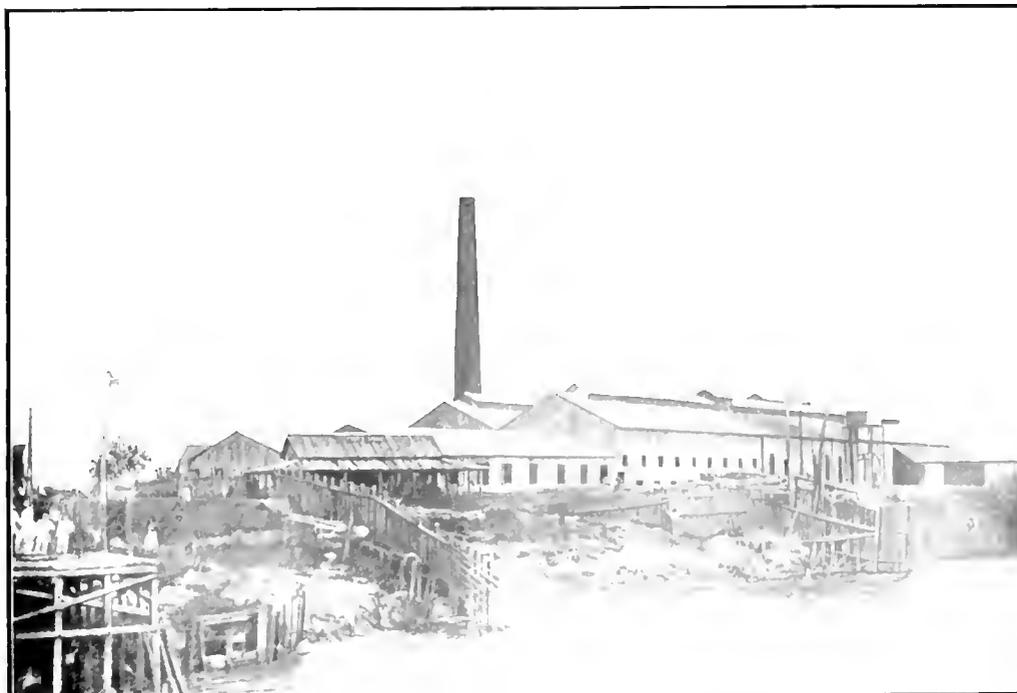
Phot. Haeberle

2 — Rocha calcarea das margens do Rio Paraguai, em Itaipava, Paraguai.



Phot. Hoehne

- 1 — Uma ponte para atracação de vapores em Puerto Sastre, construída exclusivamente com estipes de Carandá (*Copernicia cerifera*).



Phot. Hoehne

- 2 — Puerto Sastre, grande usina para a extracção do tanino (Quebracho) da madeira do *Schinopsis balansae*.

muito largo, que é separado da planície mais elevada, dos pampas, por uma barranca mais ou menos abrupta, cuja altura varia de 15-20 metros: este tahlweg forma assim um segundo plano, dentro do qual o rio serpêcia ora para um ou outro lado, formando muitas ilhas pela sua repetida divisão e nova junção dos braços, aproximando-se ora mais desta ora mais daquella barranca. A vegetação desta parte do rio é bastante monotona, a arvore que mais a caracteriza é o «Saice colorado» ou «criollo» (*Salix Humboldtiana*, Wild.), um chorão que apparece em toda esta região, ou em exemplares isolados ou em grandes grupos naturaes, ou então plantado para segurar e prender o terreno das barrancas do rio. Nos lugares onde o citado salgueiro não domina, o sólo está geralmente coberto de hervas forrageiras que constituem os magnificos prados para a criação do gado vacum, cavallar e lanigero ou então é aproveitado para o cultivo de cereaes e legumes, estendendo-se as culturas do trigo, alfafa e milho as vezes a muitos kilometros ao longo do rio, attendo não a fertilidade do solo e o labor do povo que habita aquelle paiz. Os prados são formados de *Gramíneas*, *Cyperaceas*, *Compostas*, *Verbenaceae*, *Portulacaceas*, *Gentianaceas* e *Scrophulariaceas*, que, na maior parte, são herbáceas e forrageiras, sendo quasi sempre aproveitados para a criação do gado, que constitue uma das principais riquezas do paiz. O colorido chlorophylliano destes prados naturaes, varia, de accordo com a influencia da humidade subsolar, desde o verde escuro até ao verde amarello, variando, da mesma forma, tambem, o desenvolvimento dos vegetaes que os constituem, sendo entretanto de nota, que o desenvolvimento das plantas é, geralmente, muito igual, elevando-se as suas estipes e colmos a uma altura uniforme. Este fundo verde, é, em diversas estações do anno, realçado de flôres muito brillantes e polychromas que emergem em tenues inflorescencias de entre as folhas, dando aos campos um aspecto agradavel, predominando ora as côres vistosas ora as mais claras.

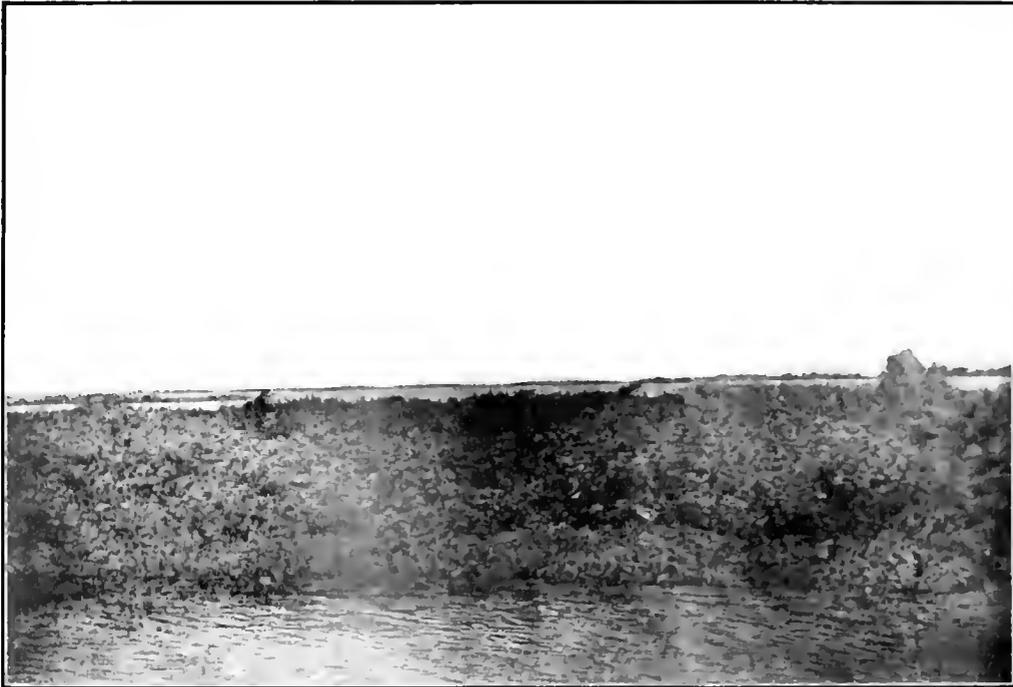
Approximando-nos de Corrientes, já podemos ver as barrancas do tahlweg mais proximas e por esse lado da cidade, onde o rio toca na barranca esquerda do mesmo, no momento que o terreno já não é o mesmo e que a vegetação vae mudando de aspecto e começam a apparecer rochas de granito e outras que até ali não são vistas. Com a mudança do terreno, vae desaparecendo o Saice colorado e os bellos prados naturaes, para darem lugar ás *Leguminosae* arboreas e *Aracaceae*, que não são encerradas a uma altura mais baixa, começa a apparecer também a *Copernicia espinosa*, Mart. e em lugar dos prados de trigo e alfafa, apparecem, nas encostas das populeiras e salinas, os primeiros laranjeas e outras culturas de plantas subtropicães. As *Procardiaceas*, e *Palmeiras*, principalmente a *Schivopsis Balsana*, Engl. et Salomon, *Lorentzii*, Grieb. e a *Copernicia cecrifera*, Mart. com o *Hydrocotyle* de Humb. Hil, são as plantas naturaes que mais se salientam pela sua utilidade industrial, o Quebracho colorado e o Carandá constituem a principal matéria extractiva d'aquella região, a sua exportação tem augmentado, e já se prediz o proximo exterminio destas plantas. O Carandá, que se encontra na Naiba ou Carnahiba do norte, é muito frequente, os catandás, que se encontram leguas de terreno e se estendem em grandes trechos ao longo do Rio Uruguay; delle se aproveita tanto a folha como a estipe, da primeira se faz a cera e fazem abanicos e cobrem tambem as cascas e da segunda se fazem asas, postes telegraphicos, pontes e outras construções, que não são diferentes como as feitas com as nossas madeiras de lei, tivemos o prazer de ver cascas construidas exclusivamente de estipes de «Carandás» ao longo do rio Paraguay,

existem muitos portos que se destinam exclusivamente á exportação destas es-
tipos. O «Quebracho colorado» que é a *Anacardiacea* que mais emprego tem
encontrado, tem merecido tanta atenção por parte daquelles que o exploram in-
dustrialmente, que não é sem razão que os scientistas têm clamado contra a de-
vastação da mesma arvore; existem muitas grandes fabricas que se occupam ex-
clusivamente com a extracção do tanino e da materia corante da madeira, mate-
rias estas que depois exportam para todas as partes do mundo; estas fabricas sa-
crificam annualmente milhares de exemplares. Não é só isto, entretanto o que o
Quebracho fornece, sendo a sua madeira uma das mais resistentes e dura-
veis daquella região, tem sido aproveitada para construcções de toda especie,
e, ainda para calçamento de ruas, existindo em Buenos Ayres muitas, que são
calçadas exclusivamente com tócos desta madeira. Quanto á terceira, o *Ilex pa-
raguariensis*, St. Hil., julgamos desnecessario descrever a sua utilidade, porque
todos conhecem muito bem a importancia desta planta, cujas folhas são ex-
portadas para todas as partes do mundo.

Pouco acima de Assumpção começa a apparecer, nas margens do rio, as
Scitamineas e as primeiras *Gramineas* de grande porte, ellas dão á vege-
tação um aspecto tropical que muito difere daquelle da parte baixa do rio Paraná;
as formações em que apparecem estas plantas, occupam os lugares mais humi-
dos entre os campos limpos e curudosacs, que continuam a occupar
os lugares mais seccos da planície; nestas manchas apparecem além das cita-
das plantas, muitas especies de *Leguminosae*, *Sapindaceas*, *Kataceas*, *Samida-
ceas* e outras plantas arborescentes que continuam a apparecer em todo o es-
tado de Matto Grosso.

Já nas proximidades do rio Apa, limite entre o Brasil e a Republica
do Paraguay, surgem, pelo lado esquerdo do rio, as primeiras rochas calcareas
da margem do rio, a vegetação não se modifica igualmente á das circumjacen-
cias de Corumbá. Os carandásies continuam a dominar, elles se estendem
desde Corrientes até muito acima de Corumbá, apparecendo ora mais densos
ora mais espaçados e ás vezes confundidos com arvores e outras palmeiras,
os espaços, existentes entre as esdoras, e os matos, são geralmente occupa-
dos por plantas herbaceas ou subarborescentes, que na grande maioria, são
torrageiras; predominam aquelles species de *Scrophulariaceae* e de *Com-
positas*, principalmente *Mikantias* e *Scoparia*, além do que he muito a *Scoparia
elliptica*, Grande São tambem na região frequentes o *Solanum plataniifolium*,
Hook., *Wedelia modesta*, Baker, *Heliotropium juliflorum*, H. B. K., e outras
herbaceas, que são frequentes nos campos cerrados que contornam o Grande
Pantanal.

Do fecho dos Morros, começa a região comprehendida pelo Grande Pan-
tanal, cujos limites septentrionaes ficam perto de S. Luiz de Cáceres e Cuyabá,
toda esta grande região, era, segundo a affirmação de alguns, em tempos idos,
occupada por um grande lago ou lagos denominado dos Naraes, nome este
que outros autores dão á infinidade de pequenos lagos e bahias temporarias
que resultam da inundaçào que temporariamente o rio faz naquella região.
A vegetação desta região é, com excepção da dos morros e montanhas que
se levantam no meio do Pantanal, de formação hydrophila e se divide em
matas, prados e formações immediarias; das palmeiras predominam *Bactris*
e *Astrocaryum*; o Pão de Novato *Triplaris Surinamensis*, Chamj e a Um-
baubeira (*Cecropia, sp.*) são as arvores que mais caracterizam as formações
de matas, estas matas são geralmente tão fechadas e tramadas de *Bactris* e
Desmoncus, bem como de *Cyperaceas* e *Spilacinas* que, só com muita difficul-



Phot. Hoehn

1 Aspecto da bahia de Uberaba no Grande Pantanal.



Phot. Hoehn

2 Formações de Malvaceae e Polygonaceae no Grande Pantanal.



Phot. Hoehne

1 - Mattas do Grande Pantanal, em parte destruídas pelo fogo



Phot. Hoehne

2 - Mattas com Ficus e Cecropias, Grande Pantanal

dade se consegue entrar nas mesmas. Entremetendo estas mattas, existem formações sub-arborescentes de *Malvaceas*, *Cyperaceas*, *Polygonaceas*, *Lythraceas* e *Convolvulaceas*, das quaes predominam as formações da *Ipomea fistulosa*, Mart. a qual, não só apparece em grandes grupos, mas ainda isolada, em quasi todo o Pantanal, logo depois desta *Convolvulacea*, destacam-se, pela sua quantidade, os «Algodões» (*Ipomea*, sp.?), os «Cirsacs» (*Cyperus*, sp.) e as interessantes formações de *Bactris*; as *Lythraceas* e *Polygonaceas* (*Cuphea Melvillei*, Ldl.?) e (*Polygonum acuminatum*, H. B. K.?) apparecem ou isoladas entre as outras formações ou occupam pequenas areas mais alagadas; estes ultimos lugares, são entretanto, mais geralmente, occupados por *Loudeciaceas*, *Alismataceas*, *Nymphaeas*, *Gramineas* e *Cyperaceas*. Nas bahias e lagoas vegetam muitas plantas fluctuantes, que em determinada época do anno invade n completamente toda a superficie da agua, formando nas mesmas verdadeiros prados fluctuantes; as especies mais frequentes são: *Lichhornia azurea*, Kunth., *Lichh. crassipes*, Solms., *Eichh. subvata*, Seab., *Loudecia cordifolia*, Mart., *Loude. ovalis*, Mart., *Hydromistria stolonifera*, Moq., *Wolffia Brasiliensis*, Wedd., *Azolla filiculoides*, Lam e *Polygonum*, Sp. entre estas fluctuantes estão tambem as grandes folhas das *Nymphaeas*, *Alismataceas*, colmos esponjosos de *Gramineas* e outras plantas que vivem no lodo. São muito frequentes as plantas microscopicas, que ora appare em fixadas ás raizes das citadas plantas superiores, ora como planktontes entre as mesmas, as Algas filamentosas existem em alguns lugares em tal quantidade que cobrem com os seus filamentos os pequenos lagos e poças que ali existem, as *Desmidiaceas* são mais representadas por individuos de vida isolada, sendo muito frequentes as *Micrasterias*, *Cosmarium's*, *Closterium's* e *Arthrodesmus*. A *Victoria regia*, L., a rainha das plantas lacustres, apparece em muitas lagoas temporarias e enche-as de Novembro a Fevereiro com as suas enormes folhas e niveas flôres.

Algumas leguas abaixo da confluncia do rio Jaurú, mais ou menos onde está situado o Saladeno, as mattas que margeiam o rio se tornam mais secas e ja não encontramos mais tantas lagoas e bahias e as que existem ficam mais retiradas; a vegetação toma outro aspecto; pelo lado esquerdo do rio o terreno é mais elevado, a matta limita-se as margens do rio e, além desta começa o campo cerrado, que, interrompido uma ou outra vez por um prado de formação hydrophila, se estende até a encosta da serra, onde começa a matta hygrophila que contorna e transpõe a serra em toda a sua extensão. Nestas mattas ribeirinhas, embora ainda continuem a apparecer as *Cecropias* e *Triplaris* que caracterizam as mattas d'aquella parte para baixo, na região mais pantanosa do rio, as *Leguminosaeas*, *Combrétaceas*, *Anacardiaceas*, *Bignoniás*, *Dileniáceas* e *Meliáceas* já predominam, dando-lhes o aspecto das mattas tropicaes mais secas. Esta forma de vegetação continua depois daquelle ponto a ser mais ou menos a mesma, com excepção da parte mais alta do rio, onde, como tambem no rio Sepotuba, predominam as mattas mais raras cruzadas pelo apparecimento do Auassú (*Attalea speciosa*, Mart. e do Buritý (*Mauritia rivinifera*, Mart.).

Nos terrenos mais elevados, onde está edificada a cidade de Corumbá, bem como em outros que se acham espalhados em torno e no meio do Grande Pantanal, que são semeados de rochas calcareas, a vegetação é de formação sub-xerophila e as vezes xerophila, predominam nestas formações as plantas succulentas e armadas de espinhos e aculeos, é frequente a presença de peilos e o revestimento de cera nas folhas e ramos mais finos; encontram-se ainda dilatações dos troncos e outros aprestes especiaes para a reserva

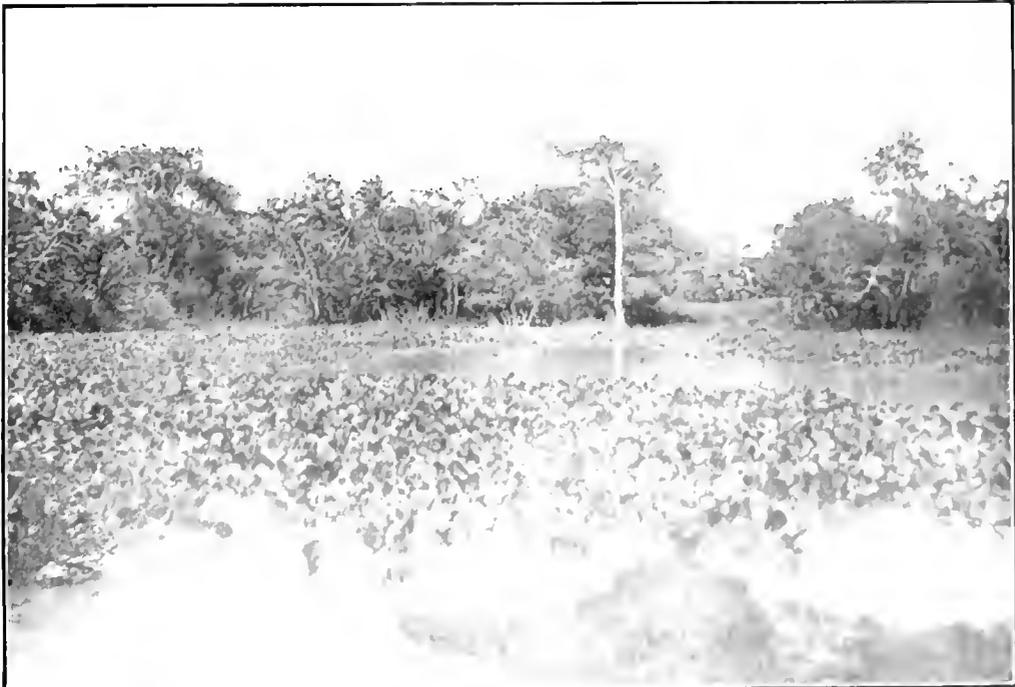
do liquido que deve ser armazenado na época das chuvas para a da secca; as especies que mais caracterizam estas formações, são: o «Barrigudo» (*Bombacaceae*), *Peireskia sacharosa*, Griesb, os *Cercus*, *Opuntias*, *Rhamnaceas*, *Oleaceas*, *Rutaceas*, *Flacourtiaceas* e *Sapindaceas*. A palmeira mais commum é a «Bacayuva» (*Acrocomia sclerocarpa*, Mart.) que apparece em todos os lugares seccos e elevados, não falta tambem a (*Attalea phalocrata*, Mart.) que é a dominante das mattas mais humidas, as *Copernicias* só se encontram muito afastadas, o «Burity», não encontramos nesta região, elle apparece mais para a cabeceira dos rios. Nas immediações da cidade apparecem grupos de *Opuntias* e de *Bromeliaceas*, principalmente *Dickia orobanchoides*, Mez e *Ananaz sativus* var. *microstachys*, entre as herbaceas rasteiras distinguem-se a *Ruellia hygrophila*, Mart., que apparece nas mattas esparsas que circumdam a cidade, a *Portulaca pilosa*, Linn. e *Petiveria alliacea*, L. bem como a *Boerhavia hirsuta* (Willd.), que apparecem nas ruas menos transitadas. Nas mattas não ha muita vegetação epiphyta, as plantas epiphytas mais frequentes, são: *Cattleya nobilior*, Reichb. f., *Oncidium jonesianum*, Reichb. f., *Oncidium ceboleto*, Schwartz., *Campylocentrum microanthum*, Rolfe., *Cyrtopodium punctatum*, Lindl., *Epidendrum oncidioides*, Lindl., *Aechmea tinctoria*, Mez., *Bromeliaceas*, *Cercus Phyllocactus*, *Tillandsias*, principalmente *Till. streptocarpa*, Bak. e *Till. Regnellii*, Mez., e ainda muito raramente a *Till. usneoides*, L. são muito raros as *Araceas* e *Filicineas* epiphytas, ellas são entretanto bem representadas entre a vegetação suffrutescente que cobre o solo entre as arvores; encontram-se com frequencia *Taccarum Weddellianum*, Brong. e *Adiantum lunulatum*, Burm.

A matta de Corumbá, que nas immediações é mais ou menos secca, vae se tornando mais humida e viçosa nos lugares mais baixos e afastados da cidade, de forma que na fazenda do Urucúm, que dista 20 kilometros d'ali, já ella é inteiramente diversa d'aquella: predomina nesta o «Auacury» (*Attalca phalocrata*, Mart.); ella occupa ali toda a planicie e a encosta da serra do mesmo nome. Nesta encosta ella é de formação hygro e hydrophila e muito frondosa. A matta que assim fraldeja a serra do Urucúm, que é uma das mais importantes de todo o Estado, pela sua riqueza mineral, é limitada pelo lado de cima por um campo completamente despido de plantas frutescentes, o qual se estende desde o ponto em que as rochas compactas afloram á superficie, através de todo o pérgão e ao longo do mesmo. Entre a matta e o citado campo limpo, existe então uma formação vegetativa de transição, a qual occupa justamente a região em que afloram as rochas que contêm o mineral: nesta formação de transição encontramos quasi todas as plantas dos campos cerrados, predominando entre outras o «Cumarú» (*Coumarouna alata*, Vog.), *Curatella americana*, L., e o Jacarandá (*Dalbergia cuyabensis*). Na matta propriamente dita existe uma vegetação suffrutescente herbacea que occupa as margens mais proximas do pequeno correjo que desce da serra, a qual se compõe de *Filicineas*, *Araceas*, *Scitamineas*, *Rubiaceas* e *Gesneriaceas*, entre as quaes se distinguem, não só pela quantidade mas tambem pela belleza, o *Adiantum pectinatum*, Kuntze, *Ad. lunulatum*, Burm., *Blechnum brasiliensis*, Desv., que vivem entre as pedras e o *Asplenium pulchellum*, Raddi. que vive sobre as mesmas. Nos lugares mais seccos, um pouco afastado do correjo, encontramos muitas *Marantaceas*, *Urticaceas*, *Rubiaceas*, *Acanthaceas* e outras plantas herbaceas rasteiras e erectas, de entre as quaes predominam a *Calathea praecox*, Sp. M., *Adiantum lunulatum*, Burm., especies de *Dorstenias*, *Ruellias*, *Psychotrias*; *Araceas* e *Rutaceas* sub-



Phot. Hoehne

1 — Area limpa do cerrado de S. Luiz de Cáceres, em que se formam as lagoas temporárias.



Phot. Hoehne

2 — Lagoa temporária de muita água, no cerrado de Cáceres — fotografia Pontederica — E. Hoehne.



Phot. Hoehne

1 - *Mauritia vinifera*, *Cecropias* e *Attalea speciosa* em um terreno mais baixo do rio Sepotuba.



Phot. Hoehne

2 - Grupo de *Mauritia vinifera* em um terreno pantaneiro (no campo de Tapajós).

arborescentes. Nos lugares mais seccos ainda, existem formações de *Bromeliaceas*, *Cactaceas* e outras plantas ármadas e succulentas.

As formações lacustres e palustres de Corumbá, são compostas dos mesmos vegetaes que encontramos em todas as formações do Grande Pantanal, destacam-se as formações de *Cucurbitaceas* e de *Ipomeas* que occupam os terrenos encharcados e as das *Pontederiaceas* e *Nymphaeaceas* que vivem nas lagôas e bahias ali existentes, entre as primeiras encontramos *Alismataceas*, *Apocynaceas*, *Onagraceas*, *Leguminoscas* e *Euphorbiaceas*, distinguindo-se a *Jussieua pilósa*, H. B. K., *Juss. repens*, L., *Sagittaria pectinif. rmis*, Des., *Limnocharis flava*, Buch. e tambem muitas especies de *Heliconias* bem como a *Sphenoclea zeylanica*, Gärt. e o *Ceratopteris thalictroides*, Brong. e entre as da segunda, destacam-se a *Victoria regia*, L., *Nymphaea blanda*, Mey, especies de *Pontederia* e de *Eichhornia*; abundam entre estas a *Azolla filiculoides*, Lam. *Hydromistria stolonifera*, Mey. *Polygonum acuminatum*, *Cyperus Melvillei*, Ldl.? *Lophotocarpus Seubertianus*, Buch. *Lothocarpus tenuis*, Smith. e a *Wolffia brasiliensis*, Wedd. No meio da vegetação macroscópica destas pôças salobras e das bahias e lagoas, encontramos muitas *Desmidiaceas* e *Diatomataceas*, que vivem fixadas ás raizes das citadas plantas ou como planktontes entre as mesmas.

As margens da grande bahia de Cáceres ostentam pelo lado direito a mesma vegetação que circunda Corumbá pelos lados de Urucum e pelo esquerdo a mesma que encontramos em todo o Grande Pantanal. Por este lado encontram-se dispersas, muitas de arvores pequenas e alguns exemplares maiores de *Crataeva tapia*, Linn. e algumas palmeiras, bem como o cacto de *Bactris* e alguns *Astrocarpus*. O terreno de toda a bahia apresenta vegetação fluctuante, muito variavel nas diversas épocas do anno: em 1900, no mez de Outubro, a encontramos reduzida a uma estreita tira de agua que se estendia dentro do grande atoleiro que outras vezes é coberto pela sua agua, nesta época ella não tinha vegetação macroscópica alguma, a agua borbulhava entretanto de Jacarés que a remexiam e tornavam turva e lódia, em Junho de 1911 encontramo-la cheia e a sua superficie transformada em um prado, de tanta vegetação fluctuante que ostentava: esta vegetação era tão alta que se fazia necessario mandar abrir um canal para a passagem da lancha: visitando-a agora em Dezembro, encontramo-la, bastante mais cheia que em Outubro de 1900; tambem desta vez não encontramos vegetação macroscópica alguma e pelo plankton notando, verificamos existir muito mais zooplanktontes que phytoplanktontes. No época em que chega a vasante, isto é, em que a inundação attinge o seu termo e em que as aguas affluem para a parte mais baixa do rio, as bahias e com os ventos e com este escoamento arrastam consigo toda a vegetação fluctuante e sobre ellas, esta vai se accumulando nas bocas de las bahias de onde sahe em pequenos grupos, ilhas fluctuantes, para o rio e é arrastado por este para o mar: estas ilhas fluctuantes que se compõem de todas as plantas fluctuantes que encontramos nas bahias e lagôas do Pantanal, infestam no mez de Junho a Setembro os rios Paraná e Paraguay e são encoadadas lá no alto e voltam muito antes de se entrar no Prata.

S. Luiz de Cáceres, antiga Villa Maria, habita edificada em terreno plano e pouco elevado sobre o rio, está circundada pelos lados e lados por campos cerrados e pelo lado do rio, de um lado, por um atoleiro que em toda a extensão, desde o S. Luiz até ao S. Antonio, apresenta a mesma natureza, pertence ao typo commum dos do Estado, elle apresenta quasi todas as

formações e se estende desde a matta hydrophila do rio até á serra do Quilombo onde confina com os cerradões e as mattas que fraldejam a mesma. O terreno é, como já dissemos, plano, apresenta porém pequenas depressões em que na época das chuvas correm pequenos riachos e outras em que se formam pequenos lagos e pôças de curta existencia. Nestes lugares mais baixos e temporariamente regados por estes citados corregos, a formação do cerrado é do typo dos que o Professor Engler chama de «Parkartiege formation», isto é, em forma de parque ou jardim; os grupos de arvores ficam espalhados sem symetria sobre a relva que cobre o solo, tal como acontece com os grupos artificiaes que encontramos nos parques e jardins das nossas cidades. Estes grupos são geralmente formados de arvores que tambem encontramos no cerrado ininterrupto, geralmente uma «Umbaubeira» (*Cecropia* sp.), «Timbó» (*Magnonia pubescens*, St. Hil.), «Páo pombo» (*Tapirira guianensis*, Aubl.), «Sebipira» (*Bowdichia virgilioides*, H. B. K.), «Ingá» (*Inga tagilifolia*, Wdl.) «Lixeira» (*Curatella americana*, L.) ou então uma *Tecoma*, *Anacardiacea* ou uma *Vochiseacea* qualquer occupa o centro e em roda della se aggregam então mais arvores menores e arbustos, principalmente *Myrcia ambigua*, D. C., *Lasquea erecta*, Muell. et Arg., *Holostylis reniformes*, Ducht. e *Bauhinia cumaensis*, H. B. K. entremejados de *Ananas sativus* var. *microstachya* que com as *Gramineas*, *Cissampelos* e *Passifloraceas* acabam de completar os mesmos. Nos chamados que entremejam estes grupos de arvores, encontram-se, além das *Gramineas*, *Juncaceas* e *Nirideceas* de que são formados, muitas plantinhas interessantes, predominando *Xanthosoma platylobum*, Engl., *Zizelia Morena* Hechne, algumas *Amryllidaceas* e *Friocauliceas*. Os cerrados ininterruptos, que em terra occupam os terrenos mais seccos e arenózos, são formados das especies que se encontram nos grupos que acima descrevemos, predominando sempre a «Lixeira» ou «Páo pombo» (*Qualea*) e (*Callisthene*); além destas são muito frequentes a *Tocovena formosa*, Selum., *Chiococca brachyloa*, Ruiz. et Pav. especies de *Holicletris*, *Myrcia*, *Bombacaceas*, *Asclepiadaceas*, *Poecynaceas*, *Sapindaceas* e *Erythroxilaceas*, apparecendo tambem especies de *Flacoutiaceas* e de *Dioscoreas* e *Passifloras*. Nas mattas hydrophilas e outras, além das especies acima citadas, e das do Sialadoiro, muitas especies de *Combretaceas*, *Hippocrateaceas*, *Moraceas* e *Meliaceas*. Nos cerradões predominam as *Bignoniaceas* e as *Leguminosas* e principalmente as «Piuvas» e são tambem muito frequentes, uma especie de *Carlia* arborecente, e o Cumaru, que tambem se estendem nos cerrados; a *Acrocomia sclerocarpa*, Mart. apparece muito pouco, sendo substituida pela «Guariróba» (*Cocos comósa*, Mart.)

Em Porto do Campo, já estamos no começo da grande Matta da Ponta, esta matta, que é a maior do Estado do lado sul da serra das Vertentes, estende-se, com leves interrupções de campos limpos e cerrados pelo lado de baixo, por toda a encosta da serra dos Pareés, atravessando os rios Jaurú, Cabaçal, Sepotuba e o Paraguay na sua parte superior. Ella é afamada pela sua riqueza de Ipecacuanha que constitue uma das industrias extractivas mais importantes do Estado: a *Urugoga ipecacuanha*, Bail. representa nesta matta o que a *Hevea brasiliensis*, Muell. et Arg. e a *Hev. guianensis*, Muell. et Arg. representam nas mattas do norte: as suas rizes são exportadas em grandes fardes, atingindo a mesma exportação em milhares de arrobas por anno. Em Porto do Campo, esta matta é ainda muito interrompida por campos cerrados e limpos, limitando-se mais para o rio: estes cerrados são caracterizados pelas *Qualeas* e pelo «Piqui» (*Caryocar brasiliensis*,



Phot. Hoenne

1 — Um trecho de malta do rio Sepotuba, onde aparecem as *Cecropias*.



Phot. Hoenne

2 — Outro aspecto da mesma malta, em que predomina a *Alseodora*.



Phot. Hoehne

1 Um trecho do salto da Felicidade do rio Sepetuba.



Phot. Hoehne

2 Aspecto das margens do rio Sepetuba, do salto da Felicidade.

1—*Attalea phalerata* com *Polypodium decumanum* epiphyta.

Phot. Hoehn.



2 *Bacayuveira* (*Acrocomia sclerocarpa*) deformada pelos ninhos da *Japuhvra*.

Phot. Hoehn.

Cam.) que com o «Jatobá» (*Himeneae* sp.) e as multiplas especies de *Sapindaceas* representam a maior parte das arvores de que são compostos; o desenvolvimento delles, é maior que os de Caceres, são também interrompidos por grandes clareiras em que geralmente no tempo das chuvas se formam lagôas. Nestas lagôas encontramos mais ou menos a mesma vegetação que naquellas de Caceres. Nas mattas encontramos muita vegetação epiphytica, principalmente *Orchidaceas*, *Bromeliaceas*, *Cactaceas*, *Filicineas* e *Araceas*, sendo a *Cattleya violacea* var. *splendens* com alguns *Catasetas* as mais communs.

Os campos que entremeiam as moitas de mattas de «Auassú» (*Attalea speciosa*, Mart.) em Tapirapoan, são comparaveis aos que encontramos ao sul de Caceres na fazenda do Auacuryral elles são levemente accidentados e ostentam sobre o gramado arvores muito esparsas, entre as quaes nunca faltam a «Guarióba» (*Cocos comósa*, Mart.) e exemplares de *Zamia Brogniartii*, Wedd. Em alguns lugares encontramos pequenos pantanos em que existem grupos de Burity (*Mauritia vinifera*, Mart. em torno dos quaes encontramos também *Habenaria pratensis*, Reichb. f., *Hab. ornithoides*, Barb. Rodr. *Hab. Regnelli*, Cogn. e *Galcaandra juncea*, L., bem como especies de *Utricularias* e *Droseras*. Nas campos mais elevados, em ramos *Epistephium sclerophyllum*, Lindl., *Matayba guianensis*, Raldk., *Hancornia speciosa*, Gom., «Barbatimão» (*Stryphnodendron*, sp.) especies de *Alibertia* e de *Thioclodoxa* e outras plantas que apparecem tanto na chapada como nos campos abaixo da serra.

A matta que encontramos em Salto da Felicidade é muito rica em *Scitamineas*, *Bromeliaceas*, *Orchidaceas* e outras plantas que caracterizam as mattas hygrophilas. a *Ravenala guianensis*, Benth. e especies de *Heliconias* occupam os lugares mais humidos e as margens das cachoeiras, onde também apparecem arvores e palmeiras com os troncos envolvidos por *Sobralia cataractarum*, Hoehne, *Xylobium squalens*, var. *Tajitii*, L., *Polipodium crassifolium* Lindl. e *Pol. decumanum*, Willd. Nas margens do pequeno salto que o rio faz neste lugar, encontramos o *Epidendrum nutans* var. *dipus* e alguns specimens de *Catasetum* e de *Cicnoches*, existem ali também, muitas especies de *Filicineas* sub-arborescentes e de Palmeiras, predominando de entre as ultimas o Burity. Nas pequenas pôças de agua que existem sobre as pedras que ficam abaixo do salto, colhemos diversas especies de *Microsterias*, *Closterium*, *Cosmarium* e *Spirogiras*.

A matta que se estende pela encosta da serra de Tapirapoan no lugar onde subimos para chegar á Invernada no alto da chapada dá mesma é inteiramente igual a do Salto da Felicidade. O campo da Chapada é mais ou menos cerrado e ostenta muita «Guarióba» (*Cocos comósa*, Mart.) Para-tudo, Lixeiras e outras arvores que são frequentes em todo o Planalto; encontramos ali a *Zornia diphylla*, Pers. var. *impunctata*, *Zorn. virgata*, Mor. var. *major*, Hoehne, *Cissus campestris*, Planch., algumas especies de *Tecomas* e a *Banisteria campestris*, Juss.



Material colligido

Servindo nesta Comissão de 19 de Novembro de 1913 á 23 de Janeiro de 1914, e tendo consumido a maior parte deste tempo com a viagem até Corumbá, restaram-nos apenas 25 dias para o trabalho de campo, que somados a mais sete dias em que nos demorámos, depois da nossa exoneração, em Tapirapoan, perfazem um total de 32 dias de trabalho, que ficaram assim distribuidos: 8 dias em Corumbá, 6 em S. Luiz de Cáceres, 6 em Porto do Campo e 12 em Tapirapoan e Salto da Felicidade. Nestes 32 dias pouco pudemos realizar, porque, como acabamos de ver, não nos demoramos muito tempo num mesmo lugar, e, por isso mesmo, não estávamos em condições de preparar o material como desejávamos, nem podíamos apanhar mais material do que nos éra possível preparar no mesmo dia, pois devíamos estar sempre de malas prontas — porém, mesmo assim, foi-nos possível reunir, com o auxílio valioso dos taxidermistas Srs. Arnaldo Blake de Sant'Anna e Henrique Reinisch, algum material zoológico e também botânico, sendo: diversas espécies de aves, peixes e mamíferos representados por mais de duzentos specimens, 60 tubos com peixes, batrachios e insectos, 110 tubos com amostras de phyto e zoo-planktontes, algas filamentosas e outros microorganismos aquícolas, e mais 125 espécies de plantas macroscópicas preparadas por dessecção e em líquido.

O material botânico, tem representantes dos seguintes grupos:

Tallophtas

Schizophtas:

Oscillatoriaceas, Nostocaceas, Rivulariaceas e ainda outras fixas e planktontes.

Flagellatas:

Especies diversas de algumas familias, predominando as fixas.

EMBRYOPHYTAS-SIPHONOGAMAS

Angiospermas

Monocotiledoneas

ALISMATACEAS,	2 especies,	4 specimens.
GRAMINEAS,	4 »	6 »
CYPERACEAS,	1 »	4 »
ARACEAS,	3 »	4 »
BROMELIACEAS,	1 »	1 »
DIOSCOREACEAS,	1 »	1 »
IRIDACEAS,	3 »	4 »
MARANTACEAS,	1 »	2 »
ORCHIDACEAS,	8 »	10 »

Dicotiledoneas

MORACEAS,	1 «	2 »
LORANTHIACEAS,	1 »	1 »
BALANOPHIORACEAS,	1 »	2 »
ARISTOLOCHIACEA,	1 »	2 »
AMARANTACEAS,	1 »	2 »
NYCTAGINACEAS,	1 »	5 »
AIZOACACEAS,	1 »	2 »
ANONACEAS,	1 »	4 »
CAPPARIDACEAS,	1 »	3 »
CAESALPINACEAS,	6 »	13 »
PAPILIONACEAS,	7 »	13 »
MIMOSACEAS,	4 »	5 »
OXALIDACEAS,	1 »	2 »
MALPIGHIACEAS,	2 »	4 »
RUTACEAS,	1 »	3 »
MELIACEAS,	1 »	8 »
TRIGONIACEAS,	1 »	1 »
VOCHYSIACEAS,	3 »	8 »
POLYGALACEAS,	1 »	1 »
EUPHORBIACEAS,	6 »	12 »
ANACARDIACEAS,	1 »	4 »
SAPINDACEAS,	2 »	4 »
VITACEAS,	2 »	4 »
STERCULIACEAS,	1 »	2 »
TURNERACEAS,	1 »	2 »
PASSIFLORACEAS,	1 »	1 »
CACTACEAS,	1 »	2 »
MYRTACEAS,	1 »	4 »
COMBRETACEAS,	1 »	3 »
MELASTOMACEAS,	1 »	3 »

ONAGRACEAS,	2	especies	4	especimens
UMBELLIFERAS,	1	»	1	»
MYRSINACEAS,	1	»	5	»
APOCYNACEAS,	3	»	5	»
ASCLEPIADACEAS,	4	»	8	»
BORRAGINACEAS,	1	»	3	»
VERBENACEAS,	3	»	7	»
SOLANACEAS,	1	»	2	»
BIGNONIACEAS,	5	»	12	»
UTRICULARIACEAS,	2	»	7	»
ACANTHACEAS,	2	»	3	»
RUBIACEAS,	5	»	9	»
CUCURBITACEAS,	1	»	2	»
COMPOSITAS,	4	»	6	»

Destas foram estudadas, e são apresentadas mais adiante, todas as Cormophytas e a Chara, unica Thallophyta macroscopica. Não nos é possível precisar actualmente, o numero de especies de Algas filamentósas e unicellulares que foram colhidas, sabemos porém, que ellas se elevam a centenaes e que de Conjugatas devem ter muitas especies novas e interessantes. Sentimos muito não nos ter sido possível apresentar todos os resultados obtidos, esperamos porém, conseguir a literatura, para poder tambem apresentar os resultados microscopicos, que são, aliás, os mais interessantes.

Todo o material zoologico, foi de ordem do Coronel Rondon, entregue ao Dr. Alipio de Miranda Ribeiro, que, a respeito fará os estudos.



Systematica

Thallophytas

Characeae

Chara, sp.? (Ex *Set. Diplostephanae*).

Nos. 5670- 5682

Colhida em um correço salôbro perto de Corumbá, no lugar chamado Páo Secco.

Infelizmente não encontramos exemplares que estivessem frutificando e, por este motivo, somos obrigados a deixá-los indeterminados. Ella vivia em agua corrente e os seus caules estavam prostados sobre o fundo pedregulhento do correço, ostentando muitas *Diatomaceas* epiphytas, entre as quaes predominam *Terpsinoe* sp., *Navicularia viridis*, outras *Navicularias* e também *Nitzschias*.

Cormophytas

Embryophytas-Asiphonogamas

Bryophytas

Hookeriaceae

Hookeria.

Hookeria Martiana, Smith. (?)

(Fl. Br. de Mart. vol. I, part. II, pag. 64).

Nos. 5842 e 5843.

Colhida em Urucum, sobre pedras do correço do mesmo nome.

Não estando frutificando, nos é impossível identificá-la. É uma plantinha muito bella, que reveste completamente as pedras banhadas do correço Urucum, na matta que fraldeja a serra do mesmo nome.

Pteridophytas

(*Filicineas*)

Polypodiaceae

ASPLENIEE—ASPLENINAE

Asplenium:

Asplenium pulchellum, Raddi.

(Fl. Br. de Mart. vol. I, part. II, pag. 441).

Nos. 5752 e 5753.

Colhida na matta que fraldeja a serra do Urucúm, perto de Corumbá: fructificando em Dezembro.

Especie rupicola e epiphita de folhas em roseta, pinnadas e acumina-
nadas para o apice, formando, ás vezes, pequenos troncos com as raizes. Lowe,
British and Exotic Ferns, vol. 5, tab. 31 A.

ASPLENIEE—BLECHNINAE

Blechnum

Blechnum brasiliensis, Desv.

(Fl. Br. de Mart. vol. I, part. II, pag. 422).

Nos. 5754 e 5755

Colhida na matta que fraldeja a serra do Urucúm, perto de Corumbá, fructificando em Dezembro.

Rupicola e terrestre. El. com o *Adiantum pectinatum*, Kuntze, o feto
mais frequente naquella matta, quasi nunca fórma tronco, as suas grandes fo-
lhas pinnadas, de segmentos lineares curvos e muito compridos, têm ao longo
da nervura central, no dorso, a theca dos esporos a qual se estende desde
a base até 1/4 ou 1/5 do apice, irradiando desta as nervuras secundarias que
vão ter, formando parallellos, á margem levemente serrillada.

PTERIDEAE—CHEILANTHINAE

Cheilanthes:

Cheilantes, sp.?

Nos. 5666, 5827 — 5829.

Colhida no campo, entre *Ananaz sativus*, Schutz. var *microstachys*, Linn.
na fazenda do Urucúm, não estando em fructificação.

Adiantum pectinatum. Kuntze.

(Fl. Br. de Mart. vol. I, part. II, pag. 374).

Nos. 5756-5760.

Colhida na matta que fraldeja a serra do Urucúm no lugar do mesmo nome, perto de Corumbá, fructificando em Dezembro.

A maior especie, d'este genero, em Matto Grosso; colhida tambem no Estado de Goyaz, em Aldeia de St. Maria e Matto del Rei. Planta alta, de folhas bipinnadas, muito delicadas, quando jovens, côr de rosa, mais tarde verde escuras e muito mimósas; frequentissima entre as pedras desta matta, occupando grandes extensões de terreno nas margens encarpadas do pequeno correjo que nesta matta desce da serra.

Adiantum curvatum. Kaulf.

(Fl. Br. de Mart. vol. I, part. II, pag. 375)

Nos. 5770 e 5771.

Colhida na matta que margeia o rio Sipotuba, acima do Porto do Campo, fructificando em Janeiro.

Linda especie, a qual tem as folhas mais ou menos eguaes em forma ás do *Ad. lanuca*, Linn, sendo tambem identica a fórma dos foliolos, porém estes são muito maiores e, como as pinnas, em numero mais reduzido. Lowe, British and Exotic Fern., vol. 3, pag. e tab. 6.

POLYPODILE-POLYPODINE

Polypodium.

Polypodium decumanum. Willd.

(Fl. Br. de Mart. vol. I, part. II, pag. 528).

Nos. 5761 — 5765.

Colhida em Tapirapôan, sobre uma *Attalea* (Auacury), fructificando em Janeiro.

Geralmente epiphyta dos Auacurys (as vezes tambem sobre *Anasus*, *Attalea speciosa*), dos quaes envolve, as vezes, completamente toda a parte superior, estendendo o seu rhizoma muito carnoso e grosso entre as grandes vaginas das folhas, nos intersticios por estas formados, do qual se elevam as grandes folhas pinnadas, geralmente mais ou menos curvas e pendentes.

Polypodium phyllitides, Linn, var. *repens* Baker.

(Fl. Br. de Mart. vol. I, part. II, pag. 532).

Nos. 5774 e 5775

Colhida nas mattas que margeiam o rio Sepotuba, acima de Porto do Campo, fructificando em Janeiro.

Especie epiphyta de folhas inteiras, lanceo-alongadas, de base attenuada e apice acuminado agudo, rhizoma rasteiro. Muito frequente nas mattas hygrophilas que contornam a serra dos Parecis.

Polypodium persicariaefolium, Schrad.

(Fl. Br. de Mart. vol. I, part. II, pag. 535).

Nos. 5772 e 5773

Colhida na matta que margeia o rio Sepotuba, pouco acima do Porto do Campo, fructificando em Janeiro.

Especie epiphyta, de rhizoma rasteiro, muito comprido e escamoso, de sobre o qual se erguem as folhas inteiras de fórma linear-ob-oval e extremos acuminados, que ostentam na parte dorsal duas séries de sóros alongados. Tambem esta especie, é commum nas mattas hygrophilas e frequente em todo o Brazil.

Polypodium crassifolium, Linn.

(Fl. Br. de Mart. vol. I, part. II, pag. 537).

Nos. 5749 — 5751.

Colhida nas mattas do rio Sepotuba, proximo ao Salto da Felicidade, fructificando em Janeiro.

Epiphyta de rhizoma curto, folhas muito grandes, inteiras, acuminadas para o apice e estreitadas para a base; nervuras secundarias formando parallellos até á margem e entre estas os sóros arredondados e convexos, ordenados em linhas muito regulares. Esta especie vive de preferencia nos lugares borrifados pela agua, apparece poristo em grande quantidade nas margens dos saltos e cachoeiras dos rios.

Shizæaceæ

ANEIMIE

Aneimia:

Aneimia villosa, Humb. et Bonpl.

(Fl. Br. de Mart. vol. I, part. II, pag. 205).

No. 5665.

Colhida em Tapirapoan, fructificando em Janeiro.

Christ, (Pteridophyta und Anthophyta von R. Wettstein, Wien, 1908), cita esta especie com o nome de *An. villosa*, Willd quando Sturm, (Fl. Br. de Mart.) a considera como de Humb. et Bonpland, além disto elle a considera variedade da *An. flexuosa*, que Sturm, por sua vez cita como sendo synonymia de *An. Raddiana*, Link, que elle antepõe à presente especie. Planta campestre, muito frequente em todo o Brasil.

Marsiliaceæ

Marsilia

Marsilia polycarpa, Hook et Grev.

(Fl. Br. de Mart. vol. I, part. II, pag. 651).

Nos. 5781-5785 — Estampa n. 2

Colhida em Corumbá, fructificando em Dezembro.

Paludicola ou aquatica, de rhizoma rasteiro, muito comprido. Folhas longamente pecioladas quadrifolias. Os frutos apparecem em forma de pequenos cachimbos ao longo do peciolo das folhas; as raizes são escuras quasi negras e muito finas. Alguns a conhecem por "Trevo de quatro folhas".

ANGIOSPERMAS

MONOCOTILEDONEAS

Alismataceæ

Echinodorus

Echinodorus tenellus, Buch.

Das Pflanzenreich, fasc. pag. 271.

(*Alisma tenellum*, Mart., na Fl. Br. de Mart. vol. III, part. I, pag. 105).

Nos. 5743 e 5744.

Colhida em Corumbá, florescendo em Dezembro.

Plantinha de lugares muito humidos e descobertos, de folhas lineares, de 5-7 cm. de comprimento e inflorescencia umbellada, mais comprida que as folhas, com 5-8 flôres alvas.

Sagittaria:

Sagittaria pugioniformis, L. Dies. (?)

Das Pflanzenreich, fasc. 10 pag. 43).

Nos. 5844 e 5845.

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

De lagóas temporarias, dos campos de S. Luiz de Cáceres, inflorescência muito comprida, com flôres em verticillos, alvas e ephemerás.

Gramineæ

ANDROPOGONIA

Andropogon:

Andropogon ternatus, Nees. (?)

(Fl. Br. de Mart. vol. II, part. III, pag. 287).

Nro. 5777.

Colhida em Tapirapoan, florescendo em Janeiro.

Muito commum nos campos cerrados seccos.

PANICIA

Setaria:

Setaria glauca Beauv.

(Hackel Engl. Austral. Pflanzf. vol. II, part. II, pag. 36); e (*Panicum imberbe*, Poir. na Fl. Br. de Mart. vol. II, part. II, pag. 156).

No. 5776.

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

Talvez, devido á facilidade com que adherem os pellos cordózos das sementes ao pello dos animaes, dispensa por todo o Brasil.

Olyra.

Olyra latifolia, L. var. *glabriuscula*.

(Fl. Br. de Mart. vol. II, part. II, pag. 316).

No. 5670.

Colhida na matta que fraldeja o campo Urucum, perto de Corumbá, florescendo em Dezembro.

Folhas muito parecidas com as das Bambuseas, colmo curto, envolvido pelas vaginas das folhas, não ramificado; inflorescência terminal, ramificada; flôres masculinas na parte inferior, rôxas; femininas nos extremos dos raminhos, muito maiores, duras e claras. Muito frequente nas mattas sombrias das encostas de serras.

BAMBUSEÆ

Merostachys

Merostachys fischeriana, Ruprecht.

(Fl. Br. de Mart. vol. II, part. III, pag. 215).

Nos. 5738 — 5740.

Colhida nas mattas do rio Sepotuba, acima do Porto do Campo; florescendo em Janeiro.

As folhas, dos specimens colhidos, são muito menores que as descritas para a especie, razão esta porque não podemos garantir a determinação.

Cyperaceae

SCIRPOIDEÆ—SCIRPINÆ

Heleocharis

Heleocharis obtusetrigona. Lind. et N.

Fl. Br. de Mart. vol. II, part. I, pag. 100, sub *Limnochloa obtusetrigona*, Lind. et N., e, no Engl. Transl. Pflanzf. vol. II, part. 2, pag. 112).

Nos. 5734 — 5737.

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

Planta annual, frequente nas lagoas temporarias dos campos de S. Luiz de Cáceres, sendo uma das primeiras a apparecer, infesta por completo as partes mais fundas das mesmas. Geralmente encontra-se muitas Desmidiaceas entre esta Cyperacea, principalmente os *Closteriums* e as *Micrasterias* são frequentissimas nos lagos onde ella predomina, apparecem tambem sobre ella muitas Spirogyras e Diatomaceas.

Araceae

CALOCASIOIDEÆ — CALOCASIEÆ

Xanthosoma

Xanthosoma platylobum, Engl.

(Fl. Br. de Mart. vol. III, part. II, pag. 196).

No. 5778.

Colhida em S. Luiz de Cáceres; florescendo em Janeiro.

As folhas desta *Aracea* são muito variaveis, no exemplar que colhemos ellas são sub-penta-partidas ou folioladas, tendo ainda no foliolo da base

uma orelha, um foliolo que nasce do outro, acima da base. Frequente nos campos temporariamente alagados.

Caladium:

Caladium striatipes, Schott. (?)

(Fl. Br. de Mart. vol. III, part. II, pag. 179).

Nos. 5863 e 5864.

Colhida nos campos humidos de S Luiz de Caccres; florescendo em Janeiro.

Por não estarem ainda bastante desenvolvidas as flôres, é-nos impossível precisar a fórmula dos estigmas; as folhas não tem os aurículos de que falla Schott. E são, também, mais estreitas que as descriptas para a especie.

Planta com tuberculo subterraneo de 2-3 cm. de diametro, amarello por dentro e muito lactifero. folhas longamente pecioladas, lineares, acuminadas no apice e attenuadas para a base, de 30 cm. de comprimento e 2-3 cm. de largura, com uma nervura central, da qual nascem 4-5 nervuras secundarias que confluen proximo a margem e são ligadas por nervuras de terceira ordem. peciolo fino e do mesmo comprimento do limbo, dilatado e invaginante na base e roliço superiormente. espatha floral cylindrica, dilatada na base e muito enrollada para o apice. espiga floral, na base, até 1/5 da altura, com flôres femininas, depois desta segue um trecho de flôres estereis, das quaes as superiores são munidas de um prolongamento coniforme de 1/2-1 1/2 cm. de comprimento e, em cima, há um cênão as flôres masculinas, que occupam todo o resto da espiga. É possível que se trate de uma especie nova, porém, com o material de que disponho não podemos garantir nem uma nem outra coisa.

AROIDEAE.—STACROSTIGMATEAE

Taccarum

Taccarum weddellianum, Brongn.

(Fl. Br. de Mart. vol. III, part. II, pag. 208).

No. 5779.

Colhida em Corumbá, florescendo em Dezembro.

O exemplar, que colhemos, nas mattas de Corumbá, é maior que o descrito por Engler, sendo porém as dimensões do caule e da inflorescencia miuroidestaveis, acreditamos que seja apenas uma forma mais vigorosa da mesma. No Pflanzenfamilien de Engl. & Prantl, vol. II, part. 2, pag. 144, Engler dá tres especies para o Brasil, entretanto no Flora Brasiliensis de Mart. só é citada esta especie. É um epiphyta, que tem o seu habitat nos lugares sombrios das mattas, compondo-se geralmente de um grande tuberculo subterraneo, do qual nasce uma estipe que é o peciolo da folha, que é marcado irre-

gularmente de vermelho escuro, dando-nos a impressão de uma «jararaca» (*serpente*), e da grande folha multipartida e lobulada que coroa esta estipe; a inflorescencia, que é espigada, é envoldida, quando nova, por uma grande espatula a qual mais tarde cahe para o lado, deixando-a livre. Geralmente conhecida por Milho de cobra; nome este que tambem dão a especies de *Lophophytum*.

Bromeliaceae

PURSH

Dickia

Dickia orobauchoides, Mez.

(Fl. Br. de Mart. vol. III, part. III, pag. 475).

No. 5796

Colhida, entre outras Bromeliaceae, em Floresta Indica, Dezembro.

Esta planta, cujas flôres foram descriptas por Mez. do occidente do Brasil, sem outra indicação sobre a procedencia, tem folhas muito compridas, acuminadas, esparsamente serrilhadas, cujos lobos pedunculados e terminam em um aculeo bastante agudo. Formam grandes touceiras, que se associam geralmente a outras Bromeliaceae, principalmente *Ananaz sativus*, var. *microstachys*, e ás *Tillandsias* e *Cereus* das florestas, e a outros do tribo-guapê, plantas que se encontram em florestas do Estado de Pernambuco.

Dioscoreaceae

POITEAU

Dioscorea

Dioscorea diversiflora, (Lam.) Benth.

(Fl. Br. de Mart. vol. III, part. I, pag. 41).

No. 5799

Colhida em Tapirapoan: florescendo em Janeiro.

Colhemos apenas exemplares com flôres masculinas. Griesbach (Fl. Brasiliensis) não separa bem as *Dioscoreas*; desta especie por exemplo, elle diz que póde ser igual á *D. striata*, Vell. e tambem á *D. brasiliensis*, Willd., cujas descripções muito differem desta. A que nos colhemos, vivia em uma capoeira, em Tapirapoan: ella é completamente glabra, tem folhas

cordiformes, ovaes, muito largas, cuja ponta é abrupta e termina em um filamento de 5 mm. de comprimento, são fimbriadas e muito variáveis. as inflorescencias nas ultimas ramificam-se proximo á base e os ramos são muito longos e flutibundos. as flôres tem perigono ovoidal com 6 pequenos lobulos, em cujas paredes internas, estão inseridos os seis estames que salientam as antheras sobre as bordas do mesmo; no centro da flôr existem rudimento do pistillo tripárido. As flôres são dispostas em ordem espiralada, isoladas, poucas vezes em fascículos de duas e tres.

Iridaceae

IRIDOIDEAE — MORACEAE — MORICINAE

Cypella:

Cypella lutea. Klatt.

(Fl. Br. de Mart. vol. III, part. I, pag. 522).

No. 5748 — Estampa n. 19.

Colhida em Tapirapoan, florescendo em Janeiro.

IRIDOIDEAE — TIGRIDAE — TIGRIDINAE

Zygella

Zygella Mooreana. Hochne.

(Comm. de Linhas Teleg. Estr. de Matto Grosso ao Amazonas, Anexo no. 5, Botanica, Part I, pag. 19.)

Nos. 5741 e 5742 — Estampa 20.

Colhida em S. Luiz de Cáparã, florescendo em Janeiro.

Não tendo recebido o material propriamente dito, para confronto, ao Dr. Spaner, Floresta, Bahia, escrevi ao Sr. Dr. Luiz de Alencar, de Salvador, que me pediu a descrição e o nome da planta, e recebi a seguinte resposta: "Zygella Mooreana, por esse nome a espécie é conhecida e já tenho a intenção de cultivá-la em minha planta em no so jardim, espero que terá a ocasião para della nos occuparmos."

Marantaceae

PHRYNEE

Calathea.

Calathea præcox, Spc. Moore.

(The Phanerogamic Botany of Matto Grosso, Expedition, 1891-92, in the Trans. of the Lin. Soc. of London, vol. IV, pag. 488).

Nos. 5745 e 5746.

Colhida nas mattas do Urucúm, em Corumbá: florescendo em Dezembro.

Planta quasi sempre acaule, de folhas ellipticas muito grandes, verde claras com um traço branco de cada lado, tal como o tem as *Kampferias*. Uma das plantas mais communs daquelle mata.

Orchidaceae

MONANDRE—OPHRYDINÆ—HABENARIÆ

Habenaria

Habenaria regnellii, Cogn.

(Flora Brasiliensis de Martius, vol. III, part. IV, pag. 60).

No. 5601.

Colhido nos campos de Tapirapoan: florescendo em Janeiro.

Barbosa Rodrigues descreveu-a como *Hab. pauciflora* e a reproduzio em aquarella, no seu trabalho inédito, Monographie des Orchideés du Brésil. O nome escolhido por Barbosa Rodrigues ficaria muito bem para esta planta, cujas flôres são muito esparças e poucas; as suas fôlhas são pequenas e mais ou menos amplexicaules; as flôres bastante pequenas, de côr verde amarelada até albicantes. Encontradas em campo secco, onde havíamos tambem colhido a *Hab. ornithoides*, Barb. Rodr.

MONONDRE—NEOTTINÆ—VANILLEÆ

Epistephium:

Epistephium sclerophyllum Lindl.

(Flora Brasiliensis de Martius, vol. III, part. IV, pag. 138)

No. 5602.

Colhida em campo secco, em Tapirapoan, rio Sepotuba: florescendo em Janeiro.

Caulis simplicis, de foliis adpressis, com nervuras muito proeminentes, de base amplexicaule; inflorescência terminal; flôres de um vermelho arroxeadado ao roxo-pallido, de segmentos patentes e largos.

MONANDREÆ — NEOTTIINÆ — SPIRANTHEÆ.

Spiranthes:

Spiranthes camposnovense, Ilh.

(Botanica, Ann. n. 5 do Rel. da Comissão de Lin. Tel. Estr. de Matto Grosso ao Amazonas, part. IV, pag. II, est. 68; 1912).

No. 5603.

Colhida nos campos de S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro. Este planta foi por nós descrita em 1912, na IV parte do nosso trabalho sobre a flora do Matto Grosso encontrada, pela primeira vez, nos campos da Serra do Norte, em Campos Novos.

MONANDREÆ — POLYSTACHYINÆ.

Galeandra:

Galeandra montana, Barb. Rodr.

(Flora Brasiliensis de Martius, vol. III, part. IV, pag. 305).

No. 5604.

Colhida na encosta da serra de Tapirapoan, no lugar do mesmo nome; florescendo em Janeiro.

As folhas deste exemplar, estavam, como no primeiro que colhemos em Matto Grosso, completamente secas; a inflorescência ostentava cinco flôres abertas.

MONANDREÆ — LAELIINÆ — CATTLEYÆ.

Epidendrum:

Epidendrum nutans, Schwartz, var. *dipus*, L.

(Flora Brasiliensis de Martius, vol. III, part. V, pag. 161).

Nº 5605 — Estampa nº. 21.

Colhida no salto da Foz de Igarapé do rio Sepetuba, florescendo em fins de Janeiro.

A respeito desta planta, que até agora só se conhecia sob o nome de *finida* e por Cogniaux (Fl. Pr. de Martius com ilustr. variado), tal como

a apresentamos, da especie *nutans*, Schwartz, desejamos fazer uma ligeira observação e, para illustrar melhor a mesma, apresentamos uma estampa, reproducção fiel da especie em questão. Desejando-se determinar esta planta, pela Flora Brasiliensis, somos obrigados a procurá-la, na chave, entre as de labello distinctamente trilobulado, pois que ella é justamente variedade do *Ep. nutans*, Schwartz, que é uma das que tem o labello trilobulado, quando, como poderão ver, pelo desenho que ajuntamos, esta variedade tem o labello distintissimamente tetralobulado; além d'isto, temo a considerar, que o *Ep. nutans*, Schwartz, differe ainda do *Ep. dipus*, L., que é o tomado como sendo variedade do mesmo, no diametro das flôres e na dos segmentos das mesmas. O *Ep. nutans*, cujas flôres podem attingir um diametro de 8 cm. (segundo Stein), tem os segmentos das flôres, petalos e sepalos até de 21/2-3 cm., ao passo que o *Ep. dipus*, L., cujas dimensões não encontramos descriptas na Fl. Brasiliensis, nunca têm mais de, no maximo, 11-12mm. de comprimento. Na Flora Brasiliensis, lê-se: «flôres, menores que as da especie typica, porém as do *Ep. dipus*, L., não são sómente menores, más nem attingem a metade do diametro das do *Ep. nutans*, Schwartz. Por isso, pensamos que a presente variedade do *Ep. nutans*, L. poderia muito bem continuar como especie definida, tal como foi descripta no Bot. Reg. de Hooker. Quanto a forma dos lobulos terminaes do labello, as do exemplar colhido, differem um poquinho dos desenhados no Bot. Reg. julgamos, entretanto, isto sem importancia.

MONANDRE—CATASETINI

Catasetum:

Catasetum trulla, Lindl. var. *vinaceum*. Hoehne, (var. nov.).

(Addicione-se a presente variedade ao n. 43 da Fl. Br. de Mart. vol. III, part. V, pag. 436).

Floribus ultra 75 mm., diam., immaculatis, intense purpureo-vinaceis; sepalis 38-40 mm. longis, dorsale 16 et lateralibus 20 mm. latis; labello sepalis lateralibus sub-aequilongis, apice in lobo terminale incrassato sub-calloso, in disco ad basin minutissime carinato-calloso.

Nº. 5636 — Tabula nº. 22.

Hab. in sylvis, supra truncis arboribus, ad marginibus fluminem Sepotuba, prope Porto do Canjo; floret mensibus Januario.

A' primeira vista, julgámos, devido ao diametro das flôres e côr das mesmas, tratar-se de uma nova especie; examinando-a, entretanto, mais metodosamente, verificámos, que as formas são mais ou menos identicas ás das do *Cat. trulla*, L.; devendo por isto ser considerada variedade d'aquelle. As differenças existentes entre a especie typica e esta variedade, consistem na côr e dimensões. As flôres do *Cat. trulla*, L. attingem de 50-60 mm. de diametro, são verde claras, tendo no lobulo terminal do labello, uma mancha castanho-escura, que se estende até ao centro do mesmo; as da variedade *maculatissima*, do mesmo, têm (seg. se depreheende da diagnose) o mesmo diametro

e são bastante maculadas de castanho avermelhado, é justamente, esta variedade, que mais se deve aproximar da presente, que attinge um diâmetro de 80 mm., e é completamente côr de vinho, distinguindo-se ainda, pela presença do pequeno callo que se encontra na base do labello.

Tendo podido transportar a planta viva até ao Rio de Janeiro, teremos ainda occasião de examinal-a mais detidamente quando florescer, o que naturalmente ainda virá esclarecer melhor o assumpto.

MONANDRE—ONCIDINEI.—ODONTOGLOSSEI.

Brassia:

Brassia. sp. (?)

Encontramos um representante deste genero nas mattas de Porto do Campo no rio Sepotuba, trouxemos diversos exemplares vivos, porém, até agora não logramos vêr flôres dos mesmos.

Oncidium

Oncidium pussillum, Reichb. fil.

(Fl. Br. de Mart. vol. III, part. VI, pag. 430).

Ns. 5607 e 5608.

Colhida no porto Miguel Angelo, no rio Sepotuba; florescendo em Janeiro.

Os exemplares foram collidos de laranjeiras, vivendo alguns até mesmo sobre as folhas das mesmas.

DICOTILEDONEAS

Moraceae

MOROIDEÆ—DORSTENIEI

Dorstenia

Dorstenia bryoniaefolia, Mart. forma minor, Hochne.

(Fl. Br. de Mart. vol. IV, part. I, pag. 167).

Nº. 5823 e 5824.

Colhida em Corumbá, na fazenda do Urucum florescendo em Dezembro «*Cayapiá falso*». Frequente nos campos e nos cerrados de Matto Grosso; differe do «*Cayapiá legitimo*» (*Dorstenia asaroides*, Gard) pelas folhas trilobadas; apparece geralmente isolado d'aquelle e, segundo o que affirmam, não tem as mesmas propriedades medicinaes.

Loranthaceae

LORANTHOIDEAE

Phthirusa:

Phthirusa abdita Sp. Moore.

(Fl. Br. de Mart. vol. IV, part. I, pag. 450).

Nº. 5825 — Estampa nº. 3.

Colhida em Tapirapoan e em S. Luiz de Cáceres; florescendo em Janeiro.

Parasita, sobre diversas arvores do cerrado.

Balanophoraceae

Holosis

Holosis guianensis, Rich.

(Pflanzl. de Engler & Prantl, vol. III, part. I, pag. 258).

Nº. 5866.

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

No cerrado, sobre raízes de Myrtaceas. Esta planta, vulgarmente conhecida por «Espiga de sangue», é commum em todo o Brasil e vive, como todas as especies desta familia, como parasita, sobre raízes de outras plantas.

Aristolochiaceae

Aristolochia:

Aristolochia eriantha, Mart

(Mart. et Zucc. Nov. Gen. et Spe. Plant. vol. I, pag. 78)

Nos. 5789 e 5790.

Colhida em S. Luiz de Cáceres, no Barranco Vermelho, florescendo em Dezembro.

Não nos tendo sido possível consultar o trabalho de Malme, descrevemos esta mesma planta em 1910 como *Aristolochia droscroides*, erro que aqui corrigimos. A planta que naquela data descrevemos apresentava entretanto

particularidades biológicas que não constatámos nas que encontrámos depois disto, em outros lugares do mesmo Estado. As cerdas glandulíferas, que revestem os extremos dos lábios da flôr, éram, naquella, tão sensitivos e mucilaginosos como as glandulas das folhas das *Droseraceas*, e prendiam, como os daquellas plantas, os insectos e animalejos: isto pudemos constatar não só pelos animaes que encontrámos presos sob as mesmas, mas, tambem por experiencias que fizemos, tocando-as com um pequeno estilete, (veja-se Comissão de Linhas Telegraphicas, Anexo 5, Botânica, parte I, pag. 69). Depois d'isto, encontramos a mesma planta em Cuyabá e outros pontos do Estado, trouxemos tambem sementes de alguns lugares e as plantámos aqui no Horto Botanico do Museu Nacional, onde ellas germinaram e se desenvolveram muito bem, dando muitas flôres: porém em nenhuma pudemos constatar aquella sensibilidade das cerdas glandulíferas que encontrámos naquella do rio Jaurú.

A *Arist. cuyabensis*, Malme, que o proprio autor já declarou synonyma de *Arist. burro* Lindl., deve, ao nosso ver, ser considerada como a nossa *Arist. dioscoroides*, synonyma da presente especie porque, conseguimos encontrar nos exemplares cultivados no Horto Botanico, reunido na mesma planta, os caracteres das duas especies citadas e tambem de *Arist. eriantha* Mart.; chegamos a este resultado, guiados pelos apontamentos feitos por Malme, no seu «Beiträge zur Kenntnis der Aristolochiaceen, pag. 534; do Arkiv för Botanik Band 1. de Stockholm. Segundo o que elle diz, elle se deu o trabalho de confrontar a especie de Lindmann com a de Martius, encontrando as differenças que no mesmo trabalho enumera, e, que, ao nosso ver, não podem autorisar fazer-se uma nova especie. Além disto, convém notar, que, segundo elle, o proprio Martius já classificou a mesma Aristolochia, procedente tambem de Matto Grosso, como *Arist. eriantha*, Mart. Veja-se o mesmo trabalho.

Amarantaceae

AMARANTACEAE—GOMPHRENEI

Alternanthera :

Alternanthera paronychioides, St. Hil. var. *horribunda*, Hochne. (var. nov.)

Nos. 5726 e 5727 — Estampa n.º 4

Foliis satis aggregatis, subtus longissime pilosulis; spiculis 1-3 in axillis fere omnium foliorum sessilibus, pluribus et densissime rotulato glomeratis, caulibus prostratis, ramosissime, repentibus, ad nodos et apice pilosulis.

Variedade esta, que se differencia da especie typica, pelo maior numero de espigas floraeas, que, reunidas de 1-3 nas axillas das aggregadas folhas dos apices dos ramos, formam grandes rosetas ou capitulos que escondem quasi toda a parte inferior das folhas; e pela presença dos longos pellos que se encontram nos nós do caule, na base e na parte inferior das folhas, o que, por algum tempo, no. levou a crêr tratar-se da *Al. pilosa*, Moq. Isto poderia ser

si não fossem os cinco estames, a forma do ovario e dos estaminoides que em tudo são identicos aos da presente especie e da qual a consideramos variedade. Póde, entretanto, ser que se trate de facto de uma nova especie, mas, como não temos material para fazer o confronto, pensamos ser sufficiente separal-a como uma variedade.

Os ramos estendidos sobre o solo, lastram um pouco e apparecem as vezes tão aggregados, que chegam á cobrir completamente grandes pedaços do mesmo, matizando-os com os alvos grupos de espigas floraes, que emergem de entre as verdes folhas, ordenadas em pseudo-rosetas.

Colhida em lugar humido, em S. Luiz de Caceres; florescendo em Janeiro.

Nyctaginaceae

PISONIEE

Nees;

Neea hermaphrodita. Sp. Moore.

(The Linn. Soc. of London, Botany vol. IV, pag. 442).

Nos. 5718 — 5722.

Colhida em Miguel Angelo, no rio Sepotubi; florescendo em Janeiro.

Liana sub-frutescente, de folhas oppostas, pillôsas na parte inferior e na nervura central da superior; inflorescencias terminaes ou auxiliares sub-terminaes, amplamente ramificadas; flôres amarellas; fructos envolvidos pelo calyce que depois se torna vermelho e carnoso.

Aizoaceae

MOLLUGINOIDEI

Mollugo

Mollugo verticillata, Linn. var. *linearis*, Fenzl.

(Fl. Br. de Mart. vol. XI, part. I, pag. 241, e Engl. Nat. Pflanzenf. vol. III, part. I b. pag. 40).

Nos. 5732 e 5733.

Colhida em Corumbá; florescendo em Dezembro.

Plantinha herbacea de folhas lineares, ordenadas em verticillo; flôres muito pequenas, alvas; fructos transparentes, vendo-se as sementes perfeitamente atravez da casca das copulas. Muito dispersa em todo o Brasil, apparecendo sob grande numero de variedades.

Anonaceae

UVARIEAE

(?) *Cardiopetalum*:

Aff. — *Cardiopetalum calophyllum*, Schlecht. vel *Duguetia* Sp. ?

Nos. 5675 — 5678.

Colhida em Tapirapoan: florescendo em Janeiro.

Exempalres com flôres somente, que não nos foi possível identificar.

Capparidaceae

CAPPARIDIDEAE—CAPPARIDEAE

Crataeva:

Crataeva tapia, Linn.

(Fl. Br. de Mart. vol. XIII, part. I, pag. 264).

Nos. 5723 — 5725.

Colhida em S. Luiz de Cáceres: florescendo em Janeiro, e em Urucum, florescendo em Dezembro.

LEGUMINOSAE

Mimosoideae

MIMOSOIDEAE—INGEEAE

Pithecolobium

Pithecolobium Samann, Benth.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. III, pag. 441).

N. 5662.

Colhida no Barranco Vermelho, perto de S. Luiz de Cáceres, florescendo em Dezembro.

Arvore grande e copada, de folha bipinnadas, pinnas 6-8-jugos, foliolas 3-6 jugos, umbellas floras de peduncullos muito longos, axillares, compostas de 10-15 flôres, de talha como estacinas muito longos e ramosos, o pistillo ultrapiquillo, as filamentos e antillas. As folhas mais novas, ramos e o caule de folhas de uma especie de amarella, e o arvore bastante pilloso, pelo e pelo de uma especie de amarella. As folhas e as flôres são muito caducas quando dessecadas.

Calliandra:

Calliandra (?) *formosa*, Benth.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. III, pag. 411).

Nos. 5660 e 5661.

Colhida no Urucúm, perto de Corumbá: florescendo em Dezembro.

Arvore pequena de 2-3 metros de altura: foliolos geralmente 6-7-jugos; inflorescencias axillares em umbellas ou grupos esphericos, flôres alvas. Segundo Hooker, (Bot. Journal, vol. 3, pag. 981, onde ella, segundo Bentham (Fl. Br. de Mart.) é citada como *Calliandra viridiflora*, Benth., os foliolos são maiores do que os encontrados nos exemplares que apanhamos, razão esta, pela qual a deixamos em duvida. E', entretanto, muito provavel que a differença existente, seja devido termos colhido sómente ramos terminaes, cujas folhas naturalmente devem ser menores que as inferiores. Corolla gamopetala, profundamente penta-lobulada: calyce de segmentos quasi livres até á base.

Calliandra parviflora, Benth.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. III, pag. 427).

N. 5659.

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

Dispersa por todo o Brasil, Bolivia e outras Republicas vizinhas. Arvore pequena ou arbusto, de ramos flexuosos e muito divaricados; folhas bipinnadas; pinnas 12-25-jugas, com grande numero de foliolos muito pequenos e bastante asymetricos: flôres pequenas, verticilladas em capitulos muito pequenos e esparcos, aggregadas em inflorescencias muito grandes e ramificadas, que nascem das axillas das ultimas folhas dos ramos e do apice dos mesmos.

MIMOSOIDEAE—EUMIMOSEAE

Mimosa

Mimosa subsericea, Benth.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. III, pag. 339).

Nos. 5653 e 5654).

Colhida em S. Luiz de Cáceres: florescendo em Janeiro.

Arbustinho de folhas bipinnadas; pinnas 1-jugas, plurifoliosas: foliolos muito reduzidos, recobertos, nos ramos mais novos, na pagina inferior de longos pelos muito rijos, de base larga: capitulos ou globos floraes ellipticos: flôres cor de rósa. Vive de preferencia nos lugares mais humidos do campo, embelezando-os muito durante os mezes em que floresce.

Caesalpinioideae

CAESALPINIOIDEAE — CYNAMETREAE

Copaifera :

Copaifera Langsdorffii, Desv.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. II, pag. 242)

N^{os.}: 5647 e 5648.

Collhida em S. Luiz de Cáceres: **florescendo em Janeiro.**

Vulgarmente conhecida por «Copaibeira», «Oleo» ou «Oleo de Copaiba». Nesses estes, que são applicados, á quasi todas as especies deste genero. Arvore geralmente muito alta e copada, principalmente quando vive na mata; no campo, as vezes, não se desenvolve muito. As flôres, que estão dispostas em inflorescências axillares, bastante ramificadas, são alvas; os raminhos, de que se compõe a inflorescência, ostentam geralmente 5-16 flôres cada um, as folhas são em regra 4-jugos, tendo os feliolos a forma alongada sub-elliptica, nervura central pubescente, bem assim os ramos da inflorescência: as glandulas de oleo transparentes das folhas, são muito reduzidas e limitadas, entretanto, a presença destas, é o característico principal que a separa da *Cop elliptica*, Mart., com a qual tem sido confundida por mais de um especialista.

CAESALPINIOIDEAE — BAUHINIEAE

Bauhinia :

Bauhinia platypetala, Burch. M.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. II, pag. 199).

N^{os.}: 5656 e 5657.

Collhida em Tipirapuan, florescendo em Janeiro.

Arbusto de ramos flexuosos, de umbentes, ornado de acúleos imbricados. Folha, com uma incisão no apice, largamente bilobada, as lobaduras no extremo, de forma sub-orbicular, o lobulo no apice com b. serrilhada, terminando em uma arista, lateraes 4-5 de cada lado, levemente curvas. Flôres muito grandes, alvas, de segmentos da corolla reiculados. Dispersa por quasi toda a America Meridional e bastante commum em Matto Grosso.

Bauhinia emmanensis, H. B. K.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. II, pag. 212).

N^{os.}: 5652 — 5654.

Collhida em Porto Tucano, a foz do rio de São Francisco, no Rio Uruguay; florescendo em Dezembro.

Liana ou arbusto decumbente de folhas com ambito de unha de vacca, profundamente bilobuladas; lóbulos de apice arredondado. Flôres em corymbos terminaes, alvas, riscadas de roxo ou com uma grande macula desta côr no petalo maior da corolla. Dispersa por todo o Estado, vivendo geralmente no cerrado mais sujo ou nas margens dos rios, variando muito na forma, apparece ora como arbusto erecto, ora como scandente que se levanta sobre outras arvores. que lhe ficam perto.

CAESALPINIOIDEÆ—CASSIÆ

Cassia:

Cassia sylvestris, Vell.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. II, pag. 125).

Nº. 5655.

Colhida em Porto do Campo: florescendo em Janeiro.

Arbusto ou pequena arvore de 1-3 metros de altura: folhas compostas, pinnadas com 5-9 jugos de foliolo, recobertos de villosidades: flôres em uma grande inflorescencia terminal, amarellas e muito esparsas, estames ferreiros 7, sendo tres maiores e quatro menores, estaminoides tres, muito pequenos; antheras, como em quasi todas as species deste genero abrindo-se por póros apicaes, muito rijas e de paredes quasi corneas.

Arbusto muito ornamental, disperso por quasi todo o Brasil e pelas Republicas visinhas.

Cassia rotundifolia, Pers.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. II, pag. 152).

N. 5658

Colhida em Porto do Campo, no rio Sepotuba, florescendo em Janeiro.

Plantasinha rasteira, de folhas profundamente bilobuladas, as vezes bifolias: de segmentos obovaes ou ellipticos: flôres nas axillas das folhas, solitarias, longamente pedunculadas, de cor amarella.

Dispersa por toda a America tropical e sub-tropical.

CAESALPINIOIDEÆ—CASSIÆ

Sclerobium:

Sclerobium aureum, Desv.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. II, pag. 50).

Nos. 5649 e 5651 — Estampa n. 5.

Colhida em S. Luiz de Cáceres; florescendo em Janeiro.

Arvore erecta de 5-10 metros de altura, de flôres amarellas, bastantemente pilosas, aggregadas em espigas nas grandes inflorescencias; estas axilla-

res ou mais geralmente terminaes. Os ramos são geralmente ôcos e habitados por formigas. As folhas que tem geralmente 5-7 folíolos tem 5- nos exemplares que colhemos. Dispersa por Minas, Goyaz, Bahia e Matto Grosso.

Papilionatae

PAPILIONATAE—GENISTEAE—CROTALARINAE

Crotalaria

Crotalaria pterocaula, Desv.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. I, pag. 19).

Nos. 5640 e 5641.

Colhida em Tapirapuan, florescendo em Janeiro.

Plantinha herbacea sub-frutescente, de folhas simples, lanuidas de e tipulas decorrentes, inflorescencia terminal, de flôes esparsas, de cor amarella; capsula muito dilatada; sementes pequenas, castanho escuras. Nos exemplares que colhemos as inflorescencias são mais compridas que as descriptas para a especie. Dispersa por toda a America tropical e sub tropical.

PAPILIONATAE—GALIEGEAE

Indigofera

Indigofera lespedezoides, H. B. K.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. I, pag. 39).

Nos. 5645 e 5646.

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

Não sabemos, se esta especie, contém tanta anilina como a *Ind. tinctoria*, L., a qual é cultivada, para a extracção da mesma materia, a mais de 2000 annos. sabe-se que ella já era cultivada muito antes da era Christã, porque, já n'aquelles tempos, havia leis que prohibiam o corte da planta antes d'ella ter attingido o desenvolvimento completo. sabe-se, portanto, que esta a contém em boa porção, e que do Brasil se a exporta em grande quantidade. Commun em todo o Brasil e vive geralmente de preferencia nas taperas ou roças abandonadas, beira de estradas ou perto das povoações.

PAPILIONATÆ—HEDYSARÆÆ—AESCHYNOMENINÆ

Poiretia:

Poiretia psoraleoides, D. C.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. I, pag. 79).

Nos. 5620 e 5637).

Collhida em Tapirapoan; florescendo em Janeiro.

Arbustinho, geralmente pouco ramificado; de folhas pari-pinnadas, com quatro foliolos; foliolos ellipticos; flôres em pequenas espigas axillares, amarellas e semeadas, como tambem as folhas e demais partes da planta, de pequenas glandulas de oleo transparentes, que, por muito tempo, nos fizeram, pensar nas *Psoraleas*. Determinada pelo Professor Dr. H. Harms de Berlim.

PAPILIONATÆ—HEDYSARÆÆ—STYLOSANTHINÆ

Zornia:

Zornia diphylla, Persoon, vulgaris impunctata

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. I, pag. 82).

N. 5639).

Collhida na serra de Tapirapoan, no lugar do mesmo nome, florescendo em Janeiro.

Muito frequente em todo o Brasil, apparecendo com muitas variedades. Esta variedade é frequente na Chapada.

Zornia virgata Moric. var. major Hoehne. (var. nov.)

(Addicione-se a presente variedade à especie, Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. I, pag. 83.)

Caulis erecti virgati, ultra 4 pedalis alti. Panicula erecto-virgata ultra 25 cm. longa, densissime bracteata. Bracteae base productae, rotundatae, 15-18 mm. longae et 8-10 mm. latae, densissime translucida-punctulatae.

Hab. Tapirapoan, floret. mensibus Januario.

N. 5638 — Estampa n. 6.

Esta variedade, que foi encontrada juntamente com a *Zornia diphylla*, Pers. na serra da Chapada em Tapirapôan, distingue-se da especie typica, não só por ser muito maior e por ter inflorescencias mais compridas, más tambem por ter maior numero de pontos translucidos nas bracteas.

PAPILIONATÆ—HEDYSARÆI—DESMODIINÆ

Desmodium :

Desmodium leiocarpum, Don.

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. I, pag. 103).

Nos. 5642 e 5644. Estampa nº. 7.

Colhida em Tapirapoan: florescendo em Janeiro.

Herbacea suffrutescente, de folhas ternadas, sendo o foliolo terminal sempre muito maior que os basaes, todos de forma oval alongada, asperos e decrecentes para o apice do caule, que termina com a longa inflorescencia bastante ramificada, recoberta de flôres alvas, os fructos são articulados e adherem facilmente á roupa ou ao pello. Muito dispersa em todo o Estado.

PAPILIONATÆ—PHASEOLÆI—GALACTINÆ

Galactia :

(?) **Galactia tenuiflora, Wigth. et Abu.**

(Fl. Br. de Mart. vol. XV, part. I, pag. 143).

Nos. 5663 e 5664)

Colhida em Lago Merinho, em canudais de floas endo em Dezembro.

Não nos tendo sido possível encontrar material com fructos, foi-nos tão possível identificar a flor a presente especie.

Oxalidaceae

Oxalis :

Oxalis aff. calva, Prog.

(Fl. Br. de Mart. vol. XII, part. II, pag. 486).

Nos. 5830 e 5831.

Colhida na fazenda do Urucunperô de Corumbá, florescendo em Dezembro.

Tem as folhas maiores e flôres alvas crevosinho, de bulbos compostos e flôres alvas, em pequenas umbellas.

Malpighiaceae

PYRAMIDOTOR.E—BANISTERIE.E—BANISTERIIN.E

Banisteria:

(?) *Banisteria campestris*, Juss.

(Fl. Br. de Mart. vol. XII, part. I, pag. 50).

Nos. 5801 — 5803 — Estampa n.º 8.

Colhida em Tapirapóan, na serra do mesmo nome: florescendo em Janeiro.

Liana sub-arborescente, de caule, folhas e inflorescência recobertas bastante de lanugem; folhas coriáceas, inflorescência axillar e terminal, entremeiada de pequenas folhas nas bifurcações dos ramos, rica em flôres; flôres umbelladas em grupos de quatro, cor de rosa, de pedicello sub-clavado, com pequena bractea na base. Planta muito frequente no chapadão deste Estado.

PLANITOEI—MALPIGHIE.E—BYRSONIMIN.E

Byrsonima:

Byrsonima indorum, Sp. Moore.

(The Linn. Soc. of London, Botany, vol. IV, pag. 323).

Nº. 5804

Colhida em S. Luiz de Cáceres: florescendo em Janeiro.

Arbusto de galhos tortuosos, folhas oppostas; inflorescências terminaes; flôres em pequenos grupos sub-esphêricos ou formando espigas, ao longo da haste floral, amarellas.

Rutaceae

RUTOIDE.E—CUSPARIE—PILOCAPPIN.E

Metrodorea:

Metrodorea aff. pubescens, St. Hil. et Tul.

(Fl. Br. de Mart. vol. XII, part. II, pag. 149.)

Nos. 5711 — 5713.

Colhida em Tapirapóan, florescendo em Janeiro.

Devido a falta de litteratura: somos obrigados a deixar esta determinação em duvida. Os exemplares que colhemos afastam-se da discripção de St.

Hil., tem, os pecíolos das folhas, tão longos quanto os descriptos para a *Met. nigra*, St. Hil., afastam-se entretanto d'aquella, não só pela cor amarella das flôres como ainda pelo diametro dos foliolos e pela presença dos pellos, que são os característicos apresentados para a *Met. pubescens*, St. Hil.: é muito provavel tratar-se de uma outra especie não descripta na Flora Brasiliensis, porque, esta, cita apenas tres especies, quando Engler no Nat. Pflanzenfamilien diz existirem cinco especies no Brasil, é mesmo possível, tratar-se de uma nova especie, porém, para apurar isto faltam os fructos que infelizmente não foram encontrados. Da *Met. Seltoana*, Engl. d'aquí da Capital, ella não se afasta muito nas formas, mas sim, bastante, nas dimensões. É uma arvore muito variavel, ora grande e muito copada, ora elevada e pouco ramígera: vulgarmente chamam-a de Lambeira do Mato. As folhas são oppostas, bi-folioladas, o peciolo das folhas tem 2-3 cm. de comprimento e tem a parte inferior de margens dilatadas invaginante, as ramificações são tri-hotomas como também as da inflorescencia, que é, geralmente, terminal e muito rica em flôres: estas são pequenas e de cor amarellada, quasi alvas, o ovario é recoberto de pequenas glandulas lenticulares, flôres odóbrifera.

Meliaceae

MELIACEAE — TRICHILIEAE — GUARINAE

Guarea

Guarea rubricalix, Sp. Moore.

Fl. Br. de Mart. vol. XI, part. I — Sp. Moore, The Linn. Soc. of London, Botany, vol. IV, pag. 336).

Nos. 5805 e 5812 — Estampa n. 9.

Colhida em Tapirapôan, florescendo em Janeiro.

Nome vulgar: Cajãna. Descripta por Spencer Moore, das Tres Barras. Nos exemplares colhidos por nós, as inflorescencias são muito maiores que as descriptas pelo mesmo autor, assim também a arvore é alta e bastante copada, attingindo mesmo mais de 13 metros de altura, as folhas são 2-jugas e os foliolos, do meio da folha, podem attingir 15-20 cm. de comprimento.

Trigoniaceae

Trigona

Trigona boliviana, Warm. (?)

(Fl. Br. de Mart. vol. XIII, part. II, pag. 134.)

Nos. 5813 e 5814

Colhida na fazenda do Lameirão, em Curitiba, florescendo em Dezembro.

Devido a presença de folhas e ramos da *Trigona pubescens*, Camé, porém, d'esta se afastam os exemplares colhidos, pela forma das inflores-

cencias, numero de flôres nos grupos (cincinios), presença de pellos na parte externa dos petalos, pistillo etc., que caracterizam a especie pela qual a temos; a não ser esta, só poderia ser nova, cujo caracteristico principal seria a lunagem, em lugar dos pellos que devem existir na citada.

Vochyseaceae

Qualea:

Qualea grandiflora. Mart.

(Fl. Br. de Mart. vol. XIII, part. II, pag. 41).

N^{os}. 5689 e 5690.

Colhida em Porto do Campo e em S. Luiz de Caceres; florescendo em Janeiro.

Arvore do campo cerrado, de 6-12 metros de altura; folhas grandes, coriáceas, oppostas, glabras por cima e a vezes levemente villósas na pagina dorsal; flôres muito grandes, de cor variavel, mais frequentemente amarellas. Nome vulgar: «Uva-puva do campo» ou «Páo terra do campo».

Qualea parviflora. Mart.

(Fl. Br. de Mart. vol. XIII, part. II, pag. 43).

N^{os}. 5685 e 5688.

Colhida em Porto do Campo, no rio Sepotuba; florescendo em Janeiro.

Inflorescencias axillares ou terminaes, sendo as primeiras mais frequentes. Planta cujos ramos novos e folhas, bem como as inflorescencias, são recobertas de villósidades alvas; flôres roxas e pequenas. Vulgarmente conhecida por «Páo terra merim».

Qualea pilósa, Warm.

(Fl. Br. de Mart. vol. XIII, part. II, pag. 45).

N^{os}. 5691 e 5692 — Estampa n^o. 10.

Colhida em Porto do Campo, no rio Sepotuba; florescendo em Janeiro.

Arvore do cerrado de folhas oppostas, ellipticas, verde escuras e levemente pillósas na pagina dorsal, principalmente nas nervuras, sendo as vezes tambem levemente pillosas na pagina superior; inflorescencias terminaes,

simples e muito ricas em flôres, estas são amarellas riscadas de vermelho escuro. Especie esta que muito se approxima da *Q. Juudiah*, Warm., variedade da *Q. multiflora*, Mart. Nome vulgar: «Páo terra».

Polygalaceae

POLYGALEÆ

Polygala :

(Fl. Br. de Mart. vol. XIII, part. III, pag. 14).

Nº. 5826.

Colhida em Tapirapôin: florescendo em Janeiro.

Plantinha herbacea, do campo, de folhas ovaes muito longas e estreitas, sub-lanceolares, com as margens levemente revoltas e puberulas, no mais, glabras por cima e levemente pubescentes nas nervuras na pagina inferior: inflorescencias supra-axillares e terminaes (mais compridas que as descriptas para a especie) laxamente pluriflóres: flôres pequenas, violaceas, pallidas: sementes alongadas e pillosas, com o carunculo apical sem appendice e levemente pilloso.

Euphorbiaceae

PIATYLOBEE — CROTONOIDEÆ — CROTONÆÆ

Croton

Croton (*Sci. Eucroton*, § *Eutropia*) *seputubensis*, Sp. nov.

Frutex erectus, ramosissimus, 11/2-2 m. altis. Ramis ramulisque divaricatis cum foliis inflorescentiaque dense stellato-hirsutis: pilis deplanato-stellatis, flavicantibus. Foliis oblongo-acuminatis, penninerviis, apice cuspidato-acutis, supra in costis dense pilosulis: limbo circiter 8-12 mm. longo, subtus ad basin costis centralis minutissime biglanduloso: petiolo limbo 9-12-plo brevioribus, 8-10 mm. longo. Stipulae minutissime, sub lineares, 1/2 mm. longae. Inflorescentiae 2-3 pedunculatae, compositae, terminales: pedunculis saepissime simplicibus, spiciformibus, floribundis, interdumque prope basin ramulis gerentibus, densissime stellato-pilosulis hirsutis. Bractae infimae flôres fem et masc. proferentes, supernis masculis. Floribus masculis pedunculatis, circiter 3-3 1/2 mm. diam, calyce extus dense stellato-pilosuli hirsuti, intus sub-villosuli lobulis ovatis 2 mm. longis, disco pentafido vel pentalobato glabro, petalis sub-spathulatis obtusiusculis omnibus dense longeque floccoso-lanatis, staminibus 17, glabriusculis, receptaculum longissime floccoso-lanatum. Floribus femineis sub-ovoideis, sessilibus, apetalis, calyce extus dense stellato-pilosuli, intus dense breviterque villosuli puberulo, lobulis imbricatisve comi-

ventibus, obtusiusculis, $2\frac{1}{2}$ mm. longis; disco dissoluto penta-partito, sub-obsoleto; ovario conico su-ovoide densiuscule villosulo; stylo ter dichotomo lobato, profunde 6-fido, 1 mm. longo.

In sylvis ad fluminem Sepotuba, prope Salto da Felicidade. Floret Januario.

Nos. 5615 — 5619 — Tabula n^o. 23

Arbusto erecto, ramosissimo, de $1\frac{1}{2}$ -2 m. de altura. Ramos e raminhos divaricados com as folhas e as inflorescencias revestidos bastante de pellos estrellados: pellos achatados, estrellados, amarellados. Folhas oblongamente acuminadas, penninervadas, de apice longamente acuminado e agudo, superiormente, nas nervuras principaes, bastamente pillósas, limbo de 8-12 cm. de comprimento, inferiormente, nas margens da nervura central, tenuemente biglanduligero; peciolo 9-12 vezes mais curto que o limbo com 8-10 cm. de comprimento. Estipulas pequeninas, sub-lineares de $1\frac{1}{2}$ mm. de comprimento. Inflorescencia 2-3 pedunculadas, compostas, terminaes: pedunculos geralmente simples, ou as vezes com um raminho perto da base, geralmente espigados e floribundos, completamente revestidos, como tambem o calyce, de pellos estrellados. As bracteas inferiores, sostem ao lado das flôres masculinas as femininas e, as superiores, sómente masculinas. Flôres masculinas pedunculadas, com cerca de $3\text{-}3\frac{1}{2}$ mm. de diam., calyce externamente bastamente pilloso e aspero, internamente villosulo liso. Lobulos ovaes de 2 mm. de comprimento: disco penta-fido ou pentalobular, glabro. petalos sub-espatales obtusos, basta e longamente pilloso-floccoso lanuginósas: estames 17, glabros: receptaculo longamente lanuginoso-floccoso. Flôres femininas de forma sub-ovoidal, sesséis, apetalas: calyce externamente bastamente revestido de pellos estrellados, internamente depremidamente villosulo puberulo, lobulos imbricados e conniventes obtusos, de $2\frac{1}{2}$ mm. de comprimento: disco des ovulo penta-partido quasi invisivel; ovario conico sub-ovoidal, bastamente villosulo; stylo dividido em tres e estes segmentos novamente dichotomos, fundamente divididos, 6-lobulado ou fido de 1 mm. de comprimento.

Colhido na matta do Salto da Felicidade, no rio Sepotuba, florescendo em Janeiro.

Existe em grande abundancia nas margens da estrada que vae pela matta ao Kilometro 50, onde a colhemos em fins de Janeiro de 1914.

Nos. 5615 — 5619. Est. n^o. 23

PLATYLOBEAE — CIBICHOIDEAE — ACALYPHEAE

CHECZOPHORINAE

Caperonia

Caperonia stenophylla, Muell. et Arg.

(Fl. Br. de Martius, vol. XI, part. II, pag. 326)

N^o. 5630

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

E. Warming (Symb. Fl. Braz. Cent.), cita esta planta como paludicola, de Lagôa Santa; diz, ser uma das que estabelecem a transição entre as

terrestres e as limnophilas. Em S. Luiz de Cáceres, a encontramos frequentemente nas margens do rio Paraguay e, assim também, de outros rios, bem como em lagôas e lagos temporários. Os exemplares que possuímos, foram colhidos num lago temporário perto da cidade de Cáceres, o qual secca por completo no verão: nessa epocha a planta fica muito reduzida e as vezes desaparece por completo. O caule desta Euphorbiacea, tem muito de commum com o de algumas Onagraceas, que também tem o mesmo habitat, não é raro encontrar-se o mesmo dilatado e esponjoso, fazendo assim com que se mantenha sempre na perpendicular e com mais facilidade á superfície da agua; elle ostenta, de espaço em espaço, folhas lineares lanceoladas que são esparsamente serrilhadas, as inflorescencias são terminaes e axillares, bisexuaes, isto é, ostentam, proximo á sua base, geralmente uma, raramente 2-3, flôres femininas e, em todo o resto, flôres masculinas em grande numero e muito menores que as primeiras. as femininas têm apenas pistillo e as masculinas dez estames de antheras muito grandes. as sementes são incluidas em capsulas trilojadas munidas de pequenas elevações asperas e são nitidamente desenhadas de pontos ou leves depressões orbiculares.

ACALPHIN F

Acalypha

Acalypha communis, Muell. et Arg. var. *intermedia* Muell. et Arg.

(Fl. Br. de Martius, vol. XI. part. II, pag. 450).

N.ºs. 5631 e 5632.

Collida em Cáceres, no lugar denominado Barranco Vermelho, florescendo em Janeiro.

Arbusto do campo cerrado mais sujo ou das margens da matta e as vezes nestas, prefere os lugares mais humidos e sombrios, as suas folhas, dispostas em ordem alternada no caule, são verde escuras, longamente peioladas, ovas acuminadas, de apice agudo e serrilhadas nas suas margens, quando novas estão bastante recobertas de pellos muito sedósos e finos, mais tarde cahem estes pellos e ficam sómente as cicatrizes mais ou menos elevadas em forma de pequenas verrugas, o que dá ás mesmas uma superfície aspera. as inflorescencias masculinas occupam as axillas das folhas mais proximas do apice dos ramos e as femininas as ultimas dos mesmos, geralmente as inflorescencias femininas ostentam em seu apice algumas flores masculinas, são geralmente solitarias nos ramos, ao passo que as masculinas existem em grande numero em cada um dos mesmos. as bracteis que se tem as flôres femininas, são multifissas, sub-digitadas e dão ás inflorescencias uma forma especial, que muito as caracteriza, sendo assim facil distinguil-as das masculinas, todas ellas são espigadas

PLUKENETHINÆ

Dalechampia:

Dalechampia cuyabensis, Muell. et Arg.

(Fl. Br. de Martius, vol. XI, part. II, pag. 663).

Nº. 5633.

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

Liana de folhas alternas, cordiforme-ovaes, apice levemente acuminadas; as bracteas ou segmentos do involucre das flôres são trilóbulados e tem os lobulos desticulados, são vermelho pallidos ou arroxeados, envolvendo juntamente as flôres masculinas e femininas.

PLATYLOBÆF—CROTONOIDEÆ—HIPPOMANÆ

HIPPOMANINÆ

Sebastiania

Sebastiania virgata, Muell. et Arg.

(Fl. Br. de Martius, vol. XI, part. II, pag. 564).

Nº. 5634.

Colhida na chapada da serra de Tapirapóan; florescendo em Janeiro.

Uma Euphorbiacea de folhas muito estreitas, de inflorescencias axillares ou terminaes e bisexuaes, ostentando geralmente 1-2 flôres femininas na base e, em todo o resto das mesmas, masculinas. O caule é bastante fino, delgado e pouco ramificado, sendo os ramos geralmente curvos e rijos.

PLATYLOBÆF—CROTONOIDEÆ—EUPHORBÆF

Euphorbia

Euphorbia serpens, H. B. K.

(Fl. Br. de Martius, vol. XI, part. II, pag. 682)

Nºs. 5635 e 5636

Colhida no Urucúm, em Corumbá, florescendo em Dezembro.

Plantasinha rasteira, de folhas muito pequenas, sub-orbiculares, flôres abrigadas por pequenos involucros axillares e solitarios. Esta plantinha reveste as vezes grandes areas do sólo, formando verdadeiros tapetes; prefere, geralmente, terreno cultivado e mais despido de outros vegetaes.

Anacardiaceae

SPONDIEL

Tapirira

Tapirira guyanensis, Aubl. (?) var. **elliptica**, Engl.

(Fl. Br. de Mart. vol. XII, part. II, pag. 377, e Aubl. Fl. das Guyanas vol. I, pag. 470, tab. 188, ainda sob *Tapirira Páo-pombo*, L. March. em Warm. Symb. Fl. Br. Central. fasc. XV, pag. 59).

Nos. 5706 — 5710

Colhida em Porto do Campo, no rio Sepotuba; florescendo em Janeiro.

Na descrição feita no Symb. Fl. Br. Central, as folhas tem folíolos de margens inteiras. Na chave das especies da Fl. Br. de Mart. ella está distribuida para as de folíolos serrilhados, entretanto, na diagnose, da mesma, allí, nada consta a este respeito. Aublet, Fl. das Guyanas, diz tambem, que os mesmos são inteiros carece, portanto, rectificação a chave da Flóra Brasilien-sis. Tendo colhido sómente ramos com flôres masculinas, não podemos garantir a determinação, porque as flôres femininas são indispensaveis para isto.

Sapindaceae

THINSONI

Paulinia

Paulinia elegans, Camb.

(Fl. Br. de Mart. vol. XIII, part. III, pag. 362).

Nos. 5672 — 5674

Colhida nas margens do rio Sepotuba; florescendo em Janeiro.

Nos ramos colhidos, existem sómente folhas com tres folíolos com pecíolos muito curtos. Trepadeira de folhas pennadas; folíolos serrilhados nas margens desde o meio ao apice e inteiras d'alli para baixo; inflorescencias axillares, simples, providas abaixo da espiga floral de duas gavinhas muito grossas; flôres em pequenos grupos, de pedicello articulado, alva, levemente amarel-las; fructos piriformes, vermelhos.

CUPANIEAE—NOTORRHIZÆ

Matayba :

Matayba guianensis, Aubl.

(Fl. Br. de Mart. vol. XIII, part. III, pag. 620).

Nº. 5671 — Estampa nº. 11.

Colhida nos campos de Tapirapôan; florescendo em Janeiro.

Exemplar sem fructos, talvez pertencente á variedade *micrantha*, Radlk. Existe muita litteratura, porém, temos apenas Aublet, Fl. das Guyanas e a Flóra Brasiliensis e sendo as especies muito proximas, devemos declarar, não ter plena certeza de se tratar realmente desta especie. Arbusto ou arvore muito frequente nos campos de Matto Grosso, florescendo cedo.

Vitaceae

Cissus

Cissus campestris, (Baker.) Planch.

(Fl. Br. de Mart. vol. XIV, part. II, pag. 200.) (Engl. Prantl. Pflf.)

Nº. 5848.

Colhida em Tapirapôan, florescendo em Janeiro.

Pedicellos das flôres de $1/2-3/4$ cm. de comprimento; caule, depois de secco, castanho amarelado; folhas profundamente denticuladas e as vezes levemente lobuladas; flôres alvas. Do campo da chapada, lugares mais ou menos secco, quasi nunca volivel, geralmente arbustiva. Flora Brasiliensis como *Vitis campestris*, Baker.

Cissus scabri caulis, (Baker.) Planch.

(Fl. Br. de Mart. vol. XII, part. II, pag. 213.) (Engl. Prantl. Pflanzf.)

Nos. 5849 — 5851

Colhida em Tapirapoan, florescendo em Janeiro.

Menor que a descripta. Liana munida de gavinhas; de folhas trifolioladas, dos quaes o mediano é maior que os lateraes, este de forma sub-rhomboide ob-oval, todos ligeiramente serrilhados nas margens, por cima deprimadamente pilluligeras e por baixo mais pillôas nas nervuras, inflorescencias oppostas ás folhas, umbelladas, com flôres albicantes muito pequenas.

Sterculiaceae

BUTNERIACEUTINIPIN I.

Butneria

Butneria melastomifolia, St. Hil.

(Fl. Br. de Mart. vol. XII, part. III, pag. 903.)

N^{os}. 5714 e 5715.

Colhida em Tapirapoan, florescendo em Janeiro.

Arbusto de folhas grossas e coriáceas, trinervuladas como as das Melastomataceas, superiormente, do ponto em que começam as inflorescências, ramificado; flores em fascículos de 3-5 tubéculas axillares, tendo cada uma 3-5 flôres de côr avermelhada. Freqüente nos campos, apparecendo geralmente exemplares isolados, preferindo mais os locais baixos e húmidos.

Turneraceae

Piriqueta

Piriqueta caroliniana, Urb. var. *integrifolia*.

(Fl. Br. de Mart. vol. XIII, part. III, pag. 103.)

N^{os}. 5821 e 5822.

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

Arbustivo, peçonha, sub-herbácea, com folhas lineares, alongadas, com espáthulas, recobertas na página interior de pelos simples amarellos e na superior das mesmas, no arête e também no ápice, de pelos estrelados, dos quaes de distancia em distancia um ou outro tem um prolongamento central quasi cordiforme. A altura varia entre 10-30 cm, raramente um pouco mais.

As flôres tiram o apêlice das axillas das ultimas folhas, são amarellas e tem o calice internamente bordado de uma corôna, a qual tambem existe na corolla, esta corôna é dentada, e fica logo abaixo da confluença dos lobulos do mesmo; os fructos saõte obertos de pelos simples, são capsulares e arrebitam depois de marcadamente de as pequenas sementes ovoides levemente alongadas e desenhadas de pequenas linhas de depressões orbiculares. Freqüente nos campos e em terrenos húmidos em todo o Estado de Mato Grosso.

Passifloraceae

PASSIFLOREÆ

Passiflora

Passiflora foetida, Linn. var. *hastata*

(Fl. Br. de Mart. vol. XIII, part. 1, pag. 583).

Nº. 5800.

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

Interessante forma d'esta tão variavel especie: as folhas são de ambito cordiforme, trilobuladas, hastadas, os lobulos são abruptamente agudos e a base é cordiforme arredondada: toda a planta é coberta bastante de pellos glanduligeros: as bracteas são pinnatisectas terminando os segmentos em glandulas, estas bracteas são tão grandes que envolvem completamente o fructo: as estipulas são pequenas e tambem multipartidas. A especie apparece com diversas formas em todo Estado.

Cactaceae

CEREOIDEÆ—ECHINOCACTEÆ

Cereus.

Cereus triangularis, Haw.

(K. Schumann, Gesamtbeschreibung der Kakteen, pag. 157).

Nºs. 5716 e 5717.

Colhida em mattas humidas de S. Luiz de Cáceres, florescendo em Dezembro.

Caule triangular sub-volvel: arcos armados de 3-5 pequenos aculeos conicos: flôres alvas de mais ou menos 25 cm. de comprimento fructos alongados, ellipsoides, vermelhos, de 10-15 cm. de comprimento e 6-8 cm. de diametro, muito saborosos. Trepadeira ou epiphyta, vivendo e cobrindo, as vezes, galhos de arvores muito elevadas, os fructos são muito apreciados pelos macacos.

Myrtaceae

MYRTOIDEAE—MYRTEAE—MYRCHINAE

Myrcia:

Myrcia ambigua. D. C.

(Fl. Br. de Mart. vol. XIV, part. I, pag. 180).

Nos. 5813 — 5816

Colhida em Tapirapóan, florescendo em Janeiro.

Arbustinho de 1-2 metros de altura, com o caule, folhas, quando novas, bem como o calyço, recobertos bastamente de pellos deprimidos e lanuginózos, escuros ou castanhos, mais tarde glabro; folhas levemente rostradas e attenuadas, semeadas de tenues pontos transparentes: Inflorescencias axillares e terminaes, ramificadas: ramos oppostos em 4-5 ordens; flôres alvas, agrupadas de duas a duas a longo dos ramos e de tres a tres no apice destes, sendo então a mediana geralmente sessil. As flôres se abrem simultaneamente em quasi todos os specimens existentes em um campo, de forma que transformam da noite para o dia o colorido do cerrado em que vivem, exalando um perfume muito agradável. São, como em geral todas as Myrtaceas, muito nectaríferas.

Combretaceae

Thitoea:

Thitoea gracilis Eichl. var. *nov. major*, Hochne

(para ser adicionada á especie, Fl. Br. de Mart. vol. XI, part. I, pag. 105.)

Folia 8-10 cm. longa et 3-5 cm. lata, ad basin sub-rotundata, apice abrupte acuminata, obtusa, paniculo folio valde longiore et densissime fusco vilosulo, lepidoto: calycibus densiter lepidotis. Arbor vel frutex subscaudente.

Nos. 5093- 5095 — Estampa nº. 12

Colhida em Urucum, perto de Corumbá, florescendo em Dezembro.

Esta nova variedade, distingue-se da especie typica, por ter as folhas e os paniculos floraes muito maiores e por ter as escamas no calyço e no ovario mais bastos. A forma das folhas tambem é mais elliptica e as flôres são as vezes reunidas de 3-4 em pedúnculos e outras vezes isoladas.

Arvore, flôres em paniculos ramificados: maiores que as folhas, de côr amarella, desprovidas de corolla, tendo inserido no perigono quatro estames e quatro estaminoides, os primeiros com grossa caruncula nas antheras e os ultimos terminando no apice em um pequeno appendice cordiforme, que pôde levar a crêr tratar-se de uma corolla: as flôres abrem-se successivamente da base ao apice dos ramos das inflorescencias. Planta ornamental e muito interessante, frequente no cerrado mais fechado.

Melastomataceae

MELASTOMATOIDEAE—TAMONEAE.

Tamonia vel **Miconia** :

Tamonia stenostachia, (D. C.)

(Em Engl. Nat. Pflanzenf. e sob *Miconia stenostachia*, D. C. na Fl.
Br. de Mart. vol. XIV, part. IV, pag. 294).

Nos. 5818 — 5820.

Colhida nos campos húmidos de Porto do Campo, no rio Sepotuba: florescendo em Janeiro.

Arbustinho de folhas oppostas, verde escuras, brilhantes por cima e fufuraceas albicantes por baixo: inflorescências terminaes, com flôres seriadas sesséis nos ramos, sustidas por pequenas bracteis, de petalo alvos e estames amarellidos: fructos escuro quasi negros.

Muito frequente nos campos mais húmidos de Mato Grosso e de Minas Geraes.

Onagraceae

(U-REUE)

Jussiaea :

Jussiaea pilósa, H. B. K. var. *glabra*.

(Fl. Br. de Mart. vol. XIII, part. II, pag. 164)

Nos. 5731

Colhida no Porto do Tucano, no rio Paragua: florescendo em Dezembro.

Haludicida, muito frequente no grande sul, tal como Paraguay e em outros terrenos mais ou menos alagadiços, geralmente de tocha muito miúdas, ovates, e-parsamente pillosas, com glândulas: flôres bastante pedicelladas, ovario muito longo, 5-lojado, uma pillula de ovulos em cada lóculo, petalos amarellos, pequenos, tão longos quanto os sepalos, os sementes são circundadas de uma massa segregada da parede do ovario que faz parte das mesmas, alterando-lhes a forma primitiva.

Jussiaea repens, Linn. var. *grandiflora* :

(Fl. Br. de Mart. vol. XIII, part. II, pag. 167.)

Nos. 5728 — 5730

Colhida no Porto do Tucano, no rio Paraguay: florescendo em Dezembro.

Arbustiva aquatica em lugares muito húmidos, de ramos mais ou menos divaricados, racheiros, em lugares mais secos torna-se mais pillosa e

as folhas menores, flôres grandes, nas axillas das folhas, amarellas e curta-mente pedicelladas; ovario 5-lôjado ovulos em pilhas nos angulos das lojas, pendentes, folhas, caule e os sepalos sempre pillôsos.

Umbelliferae

HYDROCOTYLOIDEAE — HYDROCOTYLEAE — HYDROCOTYLINAE

Hydrocotyle

Hydrocotyle ranunculoides, Linn.

Fl. Br. de Mart. vol. XI, part. I, pag. 283.

N.º 5817

Colhida em Corumbá, florescendo em Dezembro.

Plantinha herbacea, de caule rasteiro, paludicola ou aquatica, de folhas com pecciolos muito longos, orbiculo-reniformes, profundamente incisas, quasi trilobuladas, completamente glabras e brilhantes, sempre emergentes; inflorescencias axillares muito curtas, com mais ou menos 1 cm. de comprimento; flôres 4-12 em umbella de 4-5 mm. de diametro. Os exemplares foram colhidos entre *Pontederiaceas* e *Marsilia polycarpa*, Hook et Grev. em um lago mais ou menos transformado em brejo, em Corumbá.

Myrsinaceae

MYRSINOIDEAE — MYRSINEAE

Cybianthus

Cybianthus densiflorus, Miq.

Fl. Br. de Mart. vol. X, part. I, pag. 300.

N.ºs 5791 - 5795

Colhida em Porto do Campo, do rio Sepotuba, florescendo em Janeiro.

Ramos colhidos de uma arvore da matta, onde vivia perfeitamente abrigada pelas outras arvores, tendo 3 metros de altura, ostentava folhas de 10-15 cm. de comprimento por 3-5 de largura de forma elliptica, acunhadas na base e no apice ou arredondadas uma ou outra vez, verde escuras por cima e mais pallidas por baixo, as inflorescencias têm as flôres muito aggregadas, são bastas e ramificadas, os ramos são geralmente curtos, a inflorescencia inteira attinge de 2-7 cm. de comprimento e e de forma conica, as flôres são muito odoriferas e nectariteras, sendo muito visitadas pelos hymenopteros.

S. Miquel, distingue esta especie de *C. myrianthos*, Miq. pelas folhas e inflorescencias menores, dizendo que essas ultimas attingem de 2-3 pollegadas de comprimento.

Apocynaceae

PLUMIEROIDEÆ—ARDUINEÆ—LANDOLPHIINÆ

Allamanda:

Allamanda, aff. *puberula*, D. C. var. *Garneri*, D. C.

Nº. 5839

Colhida em Tapirapôan: florescendo em Janeiro.

Arbusto de folhas (superiores) alternas, em ordem espiralada, atenuadas na parte inferior e arredondadas na superior, curtamente pecioladas e, como o caule, bastamente puberulas, tendo na base do peciolo e nas axillas, pequenos grupos de glandulas aciculares vermelhas: flôres terminaes, comparativamente grandes e de fauce muito dilatado, amarellas. As folhas e a disposição das mesmas, differem de todas as descriptas na Flora Brasiliensis: lendo, porém, outros autores, verificámos que as regras estabelecidas para a differenciação das especies por Muell. et Arg. não merecem a confiança devida e que não podem ser consideradas tão constantes como são apresentadas pelo mesmo. K. Schumann, no Engl. Nat. Pflanzenf., diz, que, por melhor vontade que elle tenha, não consegue descobrir as razões porque Muell. et Arg. fizeram tantas especies, e mais, que todas estas especies, com a excepção de algumas, e da *All. thevetiucifolia*, Nob., que elle considera bem distinctas, poderiam ser fundidas ou consideradas variedades da *All. cathartica*, L., da qual elle não as pôde distinguir ou separar por caracteristicos especiaes: elle funde tambem a *All. Martii* e a *polyantha* de Muell. et Arg. em uma só especie. Por esta exposição de Schumann, podemos calcular a semelhança das especies deste genero. Segundo esta classificação de Schumann, a planta por nós colhida, deveria ser considerada variedade da *All. cathartica*, L., da qual se distinguiria principalmente pelas dimensões menores do calyce e da corolla e pela presença das pequenas glandulas aciculares no interior deste ultimo: o calyce tem de 5-6 mm. de comprimento e a corolla de 50-52 mm. por igual largura transversal na fauce, quando bem aberta. Este pequeno arbusto não é tão frequente em Matto Grosso e, á não ser em alguns lugares do rio Cuyabá e em Corumbá, onde o colhemos esta vez, não ha lembrança de o termos visto senão muito poucas vezes.

PLUMIEROIDEÆ—PLUMIEREÆ—CEREBERINÆ

Thevetia

Thevetia nerifolia Jus.

(K. Schumann, Engl & Prantl, Nat. Pflanzenfamilien, vol. IV part 2, pag. 659.)

Nos. 5786 — 5788

Colhida em Porto do Campo, do rio Sepotuba: florescendo em Janeiro.

Segundo K. Schumann, dispersa desde o Mexico e Antilhas até ao sul do Brasil, cultivada ainda em muitos lugares do Brasil e da Europa. Arvore

de 5-6 metros de altura, de folhas estreitas, acuminadas, dispostas em ordem espiralada nos ramos, muito caducas no material dessecado, verde escuras e brilhantes quando novas; as flôres são aggregadas nas axillas das ultimas folhas no apice dos ramos, são amarellas e muito ornamentaes. Dos fructos ou capsulas seccas, desta planta, que segundo Barb. Rodr. chamam vulgarmente de *Chapéu de Napoleão*, os indigénas do Brasil fabricam os seus colares e outros artefactos para o seu uso.

ECHITOIDEÆ.—ECHITIDEÆ

Rhodocalix

Rhodocalix rotundifolius, Muell. et Arg.

(Fl. Br. de Mart. vol. VI, part. I, pag. 135).

Nº. 5838

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

Arbustinho, muito commum nos cerrados de todo o Estado e frequentissimos nos de S. Luiz de Cáceres: onde vive geralmente associado com uma pequena Anonacea do genero *Anona* muito parecida com a *Anona pygmaea*, Warm., de folhas grandes e coriáceas. As folhas são grandes e largamente ovaes, quasi orbiculares, bastamente recobertas de pequenos pellos muito depressidos, a base é geralmente cordiforme e o apice abruptamente acuminado agudo. inflorescencia terminal, simples, longa e recoberta de pellos como as folhas: flôres vermelhas, sostidas por grandes bracteas da mesma côr: o calyce é sempre de segmentos livres e mais persistente que a corolla, que é tubular, dividida apenas no apice em cinco pequenos lobulos, no angulo dos quaes estão inseridos os estames, de base pillosa.

Asclepiadaceae

CYNANCHOIDÆ.—ASCLEPIADEÆ.—GLOSSOGONATINÆ

Araujia:

Araujia plumosa, Schlechter.

(Segundo Malme, no «*Araujia und Motreia*» pag. 19, tab. 3, fig. 6 ex *Arkiv for Botanik*, Band 8, n: o 1, do Sv. Vet. Akad. de Stockholm, descripta no *Oesterr. Bot. Zeitschrift* de 1898, pag. 449 e tambem citada como de Matto Grosso, pelo citado autor no *Die Asclepiadaceen des Regnell'schen Herbars*, 1900 pag. 75).

Nºs. 5607 - 5609

Colhida em Corumbá, florescendo em Dezembro.

Segundo a descripção, esta especie se distingue da *Araujia sericifera*, Brötero, que é muito commum em Minas Geraes, S. Paulo e Rio de Janeiro, principalmente pelas dimensões das flôres, que attingem pouco mais da me-

tade do comprimento e diametro das daquella: as suas folhas são mais ou menos eguaes ás da citada especie, sendo depremidamente tomentosas na parte dorsal e levemente pillósas na superior. Schumann, não logrou distinguir bem este genero de Schubertia, pois que, elle diz, na sua chave de generos, no Engl. und Prantl, Nat. Pflanzf. vol. IV, part. 2, pag. 226, que este tem as folhas glabras ou enfarinhadas e aquelle pillósas; não é entretanto isto que se dá, as Araujias tem a pagina superior do limbo das folhas, geralmente, revestido esparsamente de pellos muito deprimidos e crespos e o verso do mesmo bastamente lanuginoso e, as Schubertias são munidas de longos pellos, não só em ambas as paginas das folhas, como ainda nos caules, peciolos e quasi todas as demais partes da planta, e, ostentam, ao contrario daquellas, geralmente flôres muito grandes e ornamentaes.

Schubertia:

Schubertia grandiflora, Mart. et Zucc.

(Mart. et Zucc., Nova Genera et Species Plantarum, vol. I, pag. 57)

Nos. 1850 e 1851. Estampa n.º 24

Colhida em Corumbá, florescendo em Dezembro.

Uma das Asclepiadeas mais bella que se conhece e que, desde 1820 tem sido cultivada nas estufas na Europa. Parece-nos que *Schubertia graveolens* Lindl. descripta em 1846 no Bot. Reg. vol. do mesmo anno, sob estampa n. 21 e tambem mencionada e estampada no Flor. des Serres et Jardins d'Europe, vol. 2, pag. 100, e que, ainda, é muitas vezes incluída nos catalogos de plantas, por diversos autores, não se afasta muito desta especie: pois que, segundo o mesmo autor, ella não se afasta desta, senão pela ausencia dos pellos na parte interna do periantho e pela forma das folhas, sendo de notar ainda que E. Fournier (Fl. Br. de Mart. vol. VI, pag. 296) põe em duvida a primeira destas e que a segunda é de tão pequena importancia que nem merece menção. Encontramos em 1911 um specimen nas margens do rio Cuyabá, em Melgaço, cujas folhas são ob-ovaes-ellipticas, nitidamente cordadas na base e terminam abruptamente em uma ponta bastante longa e cujas flôres são muito menores que as destes exemplares procedentes de Corumbá, entretanto, temos a plena certeza, que se trata de uma e a mesma especie e que estas pequenas differenças, podem ser attribuidas exclusivamente ao habitat dos referidos exemplares de uma mesma especie.

CYNANCHOIDEE — ASCLEPIADEE — CUCURBITACEE

Asclepias:

Asclepias nervosa, Dn.

Fl. Br. de Mart. vol. VI, part. IV, pag. 92.

N.º 5747

Colhida em Porto Murtinho, rio Paraguay, florescendo em Dezembro.

Plantinha de folhas estreitas, lineares acuminadas e agudas, quasi sessis; umbella de flôres terminaes, composta de 8-14 flôres alvas levemente

esverdeadas. Parecida, na forma, com o nosso *Offical de sala* (*Asclepias curassavica*) da qual se distingue principalmente pela cor das flôres e forma das folhas e segmentos das primeiras.

Blepharodon.

***Blepharodon reflexus*, Malme.**

(Malme, Die Asclepiadaceen des Regnell'schen Herbars pag. 99, ex K. Sv. Vet. Akademiens Handlingar, Band 34, nr. 67).

N.º 3881 e 3882. Estampa N.º 25

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

Esta planta descrita em 1906, por Malme, no trabalho acima citado, é muito variável, tanto na forma e dimensões das folhas, como também nas flôres, as primeiras são mais geralmente ovais alongadas e munidas no apice de um prolongamento acicular, pôdem, porém, também, ser ovais ellipticas e também quasi orbiculares, variando desde 3-8 cm. de comprimento e 1-5 cm. de largura, as flôres tem forma de estrelas e são alvas, tendo os segmentos do periantho ora patulos ora mais reflexos, geralmente quasi horizontaes. Pelo que, tivemos occasião de verificar, em exemplares que colhemos na nossa segunda viagem, os folliculos são maiores que os descriptos, em alguns exemplares elles tem mais de 8 cm. de comprimento, são grossos na parte inferior e depois, mais ou menos, abruptamente cuspidados para o apice em toda a parte superior ao principio, tendo da base. Esta planta, descrita por exemplares colhidos em Coxipó da Forte, serra da Chapada e também em serrados de Cuyubá, é frequente em todo o Estado, nós a encontramos, não só naquelles citados lugares, mas também em muitos outros, até no Juruena e é muito provavel que a sua área de distribuição se estenda até ao Pará e Amazonas.

Borraginaceae

HELIOTROPIODEAE

Heliotropium

***Heliotropium filiforme*, H. B. K.**

H. Br. de Mac. vol. III, pag. 1, pag. 11 e em L'egl. Florul. Nat. Franç. vol. IV, num. 34, pag. 974.

N.º 3703 e 3703. Estampa N.º 13.

Colhida em Coimbra, florescendo em Dezembro.

Plantahe subshrubacea de caule, folhas e calvee, bem como a corolla revestido de pellos muito finos e sedoso. Inflorescencias filiformes, termi-

naes ou, raramente, axillares, de apiceenrolado e escorpioide; flôres pequenas e alvas. Frequentissima em todos os campos arenôsos do Estado, preferindo sempre os lugares mais ou menos humidos.

Verbenaceae

VERBENOIDE.E—LANTANE.L

Lippia:

Lippia stachioides. Cham.

(Fl. Br. de Mart. vol. IX, part. I, pag. 230).

Nº. 5696.

Colhida em Tapirapôan: florescendo em Janeiro.

Frequente nos campos secos e cerrados. Revestida de pellos muito curtos e deprimidos: inflorescencias axillares, numerosas, flôres roseas com o centro da corolla amarello.

VERBENOIDE.L—PRIVA.L

Priva:

Priva echinata. Juss.

(Fl. Br. de Mart. vol. IX, part. I, pag. 179).

Nºs. 5697 — 5701

Colhida em Tapirapôan: florescendo em Janeiro.

Arbustinho herbaceo, recoberto de pellos viscosos muito adherentes, calyce persistente, envolvendo o fructo, armado externamente de pellos pegajosos que facilmente adherem aos pellos e vestes e graças aos quaes está, talvez, tão dispersa. Vegeta geralmente nas tapetas, roças ou hortas.

VITICOIDE.E—CALLICARPE.E

Aegiphila:

Aegiphila cuspidata. Mart.

(Fl. Br. de Mart. vol. IX, pag. 287).

Nº. 5702.

Colhida em Tapirapôan: florescendo em Janeiro.

Arbusto flexuoso, de folhas oppostas inflorescencia paniculada, terminal; flôres amarelladas, depois de seccas avermelhadas.

Solanaceae

SOLANEE—SOLANINE

Solanum:

Solanum platanifolium, Hook.

(Fl. Br. de Mart. vol VI, part. III, pag. 58).

Nos. 5840 e 5841.

Colhida em Corumbá. Florescendo em Dezembro.

Arbusto da altura de um homem ou algo maior, com folhas irregularmente pentalobadas, armadas, tanto em cima como em baixo, nas nervuras, de longos e tortos aculeos, dos quaes alguns com mais de 18 mm. de comprimento, intermixtos com outros muito menores e pellos deprimidos muito curtos. Este aculeos e pellos se estendem sobre todas as partes da planta, inclusive sobre os peciolas das folhas e mesmo sobre o calyce, onde de vez em quando encontramos um ou outro sobre os lobulos do mesmo, os pellos são, como já dissemos, curtos e glanduligeros e apparecem tambem na parte basal dos aculeos, cuja parte superior é amarella e muito acuminada; as folhas, nos exemplares que colhemos, são sempre gemecas, sendo uma maior e outra menor, as inflorescencias estão inseridos acima da axilla, entre os nós, mais ou menos no meio do entrenó, são dispostas em pequenas umbellas cimosas e de côr roxa, tendo de 23-24 mm. de diametro quando bem abertas. Parece que esta especie da preferencia aos carandasaes (carnaubaes do norte) pois que apparece, nos mesmos, não só no sul de Matto Grosso, mas tambem no Piahy e outros Estados do norte; os aculeos das colhidas nos estados do norte, são mais delgados que os daquellas colhidas no sul de Matto Grosso.

Scrophulariaceae

RHINANTHOIDEAE—DIGITALEAE

Scoparia:

Scoparia elliptica Cham. et Schlecht.

(Fl. Br. de Mart. vol VIII, part. I, pag. 205).

Nos. 5797 e 5798

Colhida em Porto Murtinho, rio Paraguay. Florescendo em Dezembro.

Plantinha muito rija, de mais ou menos 10-20 cm. de altura, muito ramificada, de folhas muito estreitas, sub-lineares, dispostas em verticillios de tres. Flores pequenas, alvas, axillares nos extremos dos ramos, longamente pedicelladas e de segmento muito pequeno. Fructos pequenos e arredondados do sul do Estado.

Lentibulariaceae

UTRICULARIÆ

Utricularia

Utricularia obtusa, Schwartz. ?

(Fl. Br. de Mart. vol. X, pag. 239 e no De Candolle Fr. Syst. Nat. vol. 8, pag. 10.)

N.º 5832 — 5837. Estampa N.º 14

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

As descripções das espécies de Utriculariaceae exuostas na Flora Brasiliensis e mesmo no De Candolle que servio de base para a primeira, são tão deficientes e inspiram tão pouca confiança, que, por melhor vontade que tenhamos, não nos podemos conformar com as mesmas, sendo, entretanto, a unica litteratura de que dispomos, persuadidos que o melhor seria não tentarmos a classificação e, por este razão, nos limitamos a aproximar a espécie, temo-, entretanto, quasi certeza de que a diagnose apresentada para esta, póde perfeitamente servir para mais de uma espécie bem definida, porque ella destaca uns tantos caractéres que, na verdade, não são, ou por outra, não pódem ser considerados caractéres espécies pois que são communs a mais de uma espécie; na descripção da presente espécie, da se vê comra que diga respeito á forma dos urticulos, entretanto, sabemos, como tambem já chegou a ser demonstrado pelo Dr. Luetzelberg, que a forma dos urticulos é tão importante para a identificação das espécies, que se não ellas, nem que chegara a identificar muitas d'ellas, não poderia ser feita, tendo as descripções das Utricularias da Flora Brasiliensis de Martius, valio a occasião, para chamar a attenção do leitor para um ponto muito importante da mesma, entre as descripções, encontramos de umas, em que se fallia de plantas aphyllas e que foram moldadas, naturalmente, sobre material incompleto e, que, entretanto, apresentam folhas tanto antes como na occasião da florescencia; estas folhas, ás vezes, são tão pequenas e outras tão caducas, que, facilmente escapam a vista ou se perdem, razão esta porque o material vem aos herbarios sem as mesmas e é descrito como não as possuindo. Os exemplares que trouxemos foram ganhados em um pequeno lago perto de S. Luiz de Cáceres; são fluctuantes, apresentam folhas multisectas, muito verdes e pseudo-folhas mais escuras, tambem multisectas, munidas de urticulos, vive completamente immersa, emergindo sómente a inflorescencia, que tem mais ou menos 8-12 cm. de comprimento, ostentando, no apice ou parte superior, 5-10 flôres amarellas, de calice bilobado-obtuso.

Signoniaceae

BIGNONIEI

Arrabidaea

Arrabidaea fagoides, Bur.

(Fl. Br. de Mart. vol. VIII, part. II, pag. 26).

N^{os} 5850 — 5861

Colhida em Corumbá, na fazenda do Urucum, florescendo em Dezembro.

Descrita no Linn. Soc. of London, Botany, vol. IV, pag. 414 por Spencer Moore, sob *Bignonia graciloides*, por exemplares que havia colhido no Ladário em Corumbá.

Scandente, desprovida de gavinhas, de folhas simples, ovais, acuminadas e de ponta geralmente prolongada e arredondada; inflorescências nas axillas das ultimas folhas dos pequenos ramos que ornam o caule, curtas e muito floribundas; flôres pequenas, de 10-12 mm de comprimento, ligeiramente asymetricas na corolla, corolla alva ligeiramente arroxcada, recoberta externamente, bem como no calyce, folhas e ramos mais novos, de pequenas escamas lenticulares, brilhantes. É uma liana sub-arborescente que se erge apoiando-se sobre os ramos de outras plantas.

Clytostoma

Clytostoma decorum — Sp. Moore — Britton et K. S. Hitchcok.

Fl. Br. de Mart. vol. VIII, part. II, pag. 152, e sob *Amimopaezma decorum*, Sp. Moore no Linn. Soc. of London, Botany, vol. IV, pag. 421.

N^{os} 5856 — 5858

Colhida em Corumbá, florescendo em Dezembro.

Spencer Moore, descreveu esta planta do mesmo lugar — Tripadena de folhas simples ou unijugas; inflorescências terminaes, sub-umbelladas, umbellales em 5-8 peduncullos, peduncullos com 1-4 flôres e, geralmente, um raio central, ramificado, com ramos oppostos em cruz, que estorrico de 3-10 flôres, flôres alvas, estriadas ou maculadas de roxo. Na base dos peduculos existem grandes pseudo-estipulas orbiculares ou orbiculiformes que tem aspecto de folhas e são, com oestas, munidas de nervuras.

Paragonia:

Paragonia pyramidata, Bur.

(Fl. Br. de Mart. vol. VIII, part. II, pag. 182).

Nos. 5854 — 5855

Colhida em S. Luiz de Cáceres; florescendo em Janeiro.

Planta trepadeira do cerrado, (exemplares colhidos, sem gavinhas); folhas oppostas, com um jugo de foliolos; flôres em grandes racimos terminaes, bastante ramificados, alvas ou levemente amarelladas por dentro, grandes e muito ornamentaes. Segundo K. Schumann esta planta tem sido descrita por diversos autores sob mais de 15 nomes diversos; distingue-se entretanto facilmente das demais especies, pela presença dos pellos pluricellulares que recobrem a parte externa da corolla e pela cor das folhas, que, quando seccas, são castanho escuras na pagina superior e amarellas, reticuladas, na inferior; porém mesmo assim, devemos confessar que a grande literatura existente para a mesma, não nos deixou com muita certeza, e não tendo encontrado as estipulas falsas, de que fallam alguns autores, confessamos que estamos em duvida á respeito da determinação.

Tynnanthus

Tynnanthus Lindmannii, K. Schumann.

(Fl. Br. de Mart. vol. VIII, part. II, pag. 409.)

Nos. 5852 — 5853

Colhida em Tapirapôan: florescendo em Janeiro.

Trepadeira, de folhas com dois foliolos; foliolos ovaes, muito asymetricos e de apice obtuso; inflorescencias axillares e terminaes, mais compridas que as folhas; flôres muito pequenas de 6-7 mm. de comprimento de corolla asymetrica, bilabiada, por fóra deprimidamente pillôsa, alva estames glabros com a base pillôsa na parte interna; entre as duas thécas da anthera existe um prolongamento ligular e as thécas são superpostas e sinuôsas. Frequente nas mattas de Tapirapôan.

Memora

Memora' sp. ?

No. 5862

Colhida em Tapirapôan, na serra do mesmo nome: florescendo em Janeiro.

Esta especie se approxima muito da *M. axillaris*, Bur. et K. Schum. da qual differe, especialmente, por ter as folhas bipinnadas, isto é, o primeiro

Rubiaceae

CINCHOIDEAE—GARDENINE—GARDENIEAE

Tocoyena

***Tocoyena formosa*, K. Schumann.**

(Fl. Br. de Martius, vol. VI, part. VI, pag. 347).

Nos. 5621 — 5623. Estampa No. 17

Colhida em S. Luiz de Cáceres: florescendo em Janeiro.

Árvore pequena ou arbusto, que se acha disperso por toda a America Meridional tropical e subtropical, e, que se caracteriza, pelo revestimento das folhas e dos ramos, de um indumento lanuginoso alvo. As flôres são, quasi sempre, terminaes, têm o tubo da corolla muito comprido, penta ou tetralobulado, no apice.

COFFEODEAE—GUETTARDINE—CHIOCOCCEAE

Chiococca

***Chiococca brachiata* Ruiz et Pav. var. *acuminata* (?) Muell. et Arg.**

Fl. Br. de Martius, vol. VI, part. V, pag. 533.

Nos. 5624 e 5625

Colhida em S. Luiz de Cáceres, florescendo em Janeiro.

Arbusto, de folhas oppostas, glabras, com estipulas inter-petiolares simples de base larga e de apice abruptamente acuminado. Inflorescências axillares, muito mais curtas que as folhas. Flôres alvas, distinctamente pedicelladas, pedicellos, ovarios e partes externas da corolla pillosos. nos exemplares que trouxemos e que examinamos, encontramos diversas flôres com dois pistillos.

COFFEODEAE—PSYCHOTRIINE—PSYCHOTRIEAE

Palicourea

***Palicourea rigida*, H. B. K.**

(Engl. Transl. Nat. Planz. vol. IV, part. IV, pag. 113 et sub ***Psychotria rigida***, Willd. in Fl. Br. de Martius, vol. VI, part. V, pag. 230.)

No. 5626.

Colhida em Tapirapôan, florescendo em Janeiro.

Ao exemplar, que colhemos na matta em Tapirapôan, feita o brilho amarello dourado das folhas, que esta planta sempre possui, quando vive no

Compositae

VERNONIÆ—VERNONIÆ

Vernoniæ

Vernonia grandiflora, Less.

(Flora Brasiliensis de Martius, vol. VI, part. II, pag. 45).

No. 5609

Colhida em Tapirapoan, na serra do mesmo nome; florescendo em Janeiro.

Planta herbacea, do campo, de capitulo flores terminaes e longamente pedunculados, grandes, roxo-escuros até roxo-avermelhados; folhas estreitas, lineares, agudas e limitadas á parte inferior do caule. Vulgarmente conhecida por Saudades do campo.

EUPATORIÆ—ACEFALINÆ

Eupatorium.

Eupatorium macrophyllum, Linn.

(Flora Brasiliensis de Martius, vol. VI, part. VI, pag. 345)

No. 5610.

Colhida na chapada da serra de Tapirapoan, em Tapirapoan, florescendo em Janeiro.

Esta planta, é muito citada por D. Candolle, no Syst. nat. vol. V, pag. 136, e por Hoffmann, Engl. Fl. nat. Lilienfeld, vol. IV, part. 5, pag. 140, segundo o que se lê no mesmo capitulo as folhas e os vellos devem ser glabras. O exemplar que tenho, tem as folhas bastante pillosas e o caule aspero.

Mikania

Mikania psilostachia, D. C. var. *seabra* Baker.

(Flora Brasiliensis de Martius, vol. VI, part. II, pag. 43 e D. Candolle, Prodr. Syst. nat. vol. V, pag. 190.)

Nos. 5611—5613. Estampa n. 48

Colhida em Tapirapóan; florescendo em Janeiro.

Os pappus das flôres são roxeados, ou, como acontece com os exemplares que colhemos, alvos; as folhas são bastante pillosas e não são necivuras, como diz D. Candolle. As folhas, neste exemplares, são bastante me-

nores, cremos enretanto, poder attribuir isto, como tambem á presença dos pellos, ao facto de se tratar de uma planta campestre que vivia completamente desabrigada.

FLANTIDEE — VERBENACEE

Weddelia:

Weddelia modesta, Baker.

Flora Brasiliensis de Martius, vol. VI, part. III, pag. 185).

Nº. 5614

Colhida em Iona Merindo, Rio Uruguay, florescendo em Dezembro. A planta é um rasteiro, entre as Copernicias. Os exemplares que colheci são os seguintes: que formam espaldão na beira da estrada, onde não podem ser colhidos sem se danarem a planta por ser ramificada, de folhos oppostos, serrilhadas, asperas, flôres axillares ou terminaes, em capiulos helianthoides, amarellos.



Explicações das estampas

N.ºs. 1 — 18

Reprodução de alguns exemplares de planta dessecadas, tal como são preparadas, reduzidas para metade do diametro, como se pôde ver pela escala junta.

N.º. 19

Cypella lutea Klatt.

- Fig. 1 — Pistillo, estames e antheras, augm.
/ 2 — Estame com anthera, augm.
» 3 — Um terço do pistillo, augm.
» 4 — Segmento interno do periantho, visto por dentro, augm.
» 5 — Segmento interno do periantho, visto de lado, augm.
» 6 — Segmento interno do periantho em secção longitudinal, augm.
» 7 — Segmento externo do periantho, visto por fora, augm.

N.º. 20

Zygella Mooreana, Hoehne

- Fig. 1 — Planta inteira, em tamanho natural.
/ 2 — Um ramo do pistillo e um estame, mostrando o detalhe do estigma e em (Anth.) a anthera e o tubo de crescimento.
3 — Segmento externo do periantho, visto de lado, ampliado.
4 — Um pedaço muito ampliado do segmento externo do periantho, mostrando a posição das papilae e a abertura da cavidade que se ornou nesta parte.
5 — A mesma gonódia, de modo de ser ampliado.
6 — Segmento interno do periantho, em perfil, ampliado.
7 — Segmento interno do periantho, ampliado em secção longitudinal.
8 — Uma secção da parte central do segmento interno do periantho, mostrando a disposição das papilae e a abertura da cavidade.
» 9 — Parte superior do ovário, mostrando o papillo ampliado.

- Fig. 10 — Anthera ampliada, mostrando em (z) a pequena membrana com que se affixa á pequena elevação do braço do pistillo proximo ao estigma.
- » 11 — Pollen ampliado, visto de frente e de lado.
 - » 12 — Córte transversal do ovario, augm.
 - » 13 — Uma parte do ramo do pistillo, mostrando em (y) o estigma e em (x) a pequena elevação onde se affixa a pequena membrana que se encontra no apice da anthera.
 - » 14 — Um córte transversal da folha muito augmentado.

N.º 21

Epidendrum nutans, Schwartz, var. *dipus* L.

- Fig. 1 — Parte superior de um caule, tendo a inflorescencia apenas algumas flôres ainda.
- » 2 — Aspecto da planta inteira, muito reduzido.
 - » 3 — Columna e labello, estendido e ampliado.
 - » 4 — Columna e labello em posição natural vistos de lado.
 - » 5 — Petalo, augm.
 - » 6 — Sepalo dorsal, augm.
 - » 7 — Sepalo lateral, augm.

N.º 22

Catasefum traila, Lindl. var. *vinaceum*, Hoehne.

- Fig. 1 — Planta inteira, inflorescencia corada em (x) flôres ainda meio abertas.
- » 2 — Flôr inteira vista de frente e em tamanho natural.
 - » 3 — Labello visto por dentro, em tamanho natural.
 - » 4 — Columna vista de frente em tamanho natural.

N.º 23

Croton sepotubensis Hoehne

- 2 — Flôr masculina, inteira e vista de lado, augm.
- 3 — Flôr masculina sem o periantho, vista de lado, augm.
- » 4 — Flôr masculina vista de baixo, augm.
- » 5 — Flôr masculina vista por dentro sem os estames, augm.
- » 6 — Flôr feminina já fecundada e vista de lado, augm.
- » 7 — Flôr feminina já fecundada em córte longitudinal, augm.
- » 8 — Estames com respectivas antheras, augm.
- » 9 — Petalo da flôr masculina visto por dentro, augm.
- » 10 — Sepalo visto por dentro, mostrando em (gl), a glandula, augm., e tambem em córte longitudinal e transversal.
- » 11 — Semente vista de frente e costas, augm.
- » 12 — Um dos pellos estrelados do caule, augm. 100 vezes.

Schubertia graefiflora, Mart. et Zucc.

- Fig. 1 — Um pedaço do caule com inflorescência imperfeita.
2 — Flôr vista de lado e em tamanho natural.
3 — Flôr em botão, sem os sepalos, sendo assinalado o lugar dos mesomos com a; pouco augm.
4 — Gynostegio, com algumas pólinicas de fóra, augm.
5 — Um segmento da coroa, augm., visto de costas (b), de frente (c) e de lado (d).
6 — Sepalos em tamanho natural.
7 — Glandulas dos sepalos, augm.
8 — Apice do gynostegio e o estigma, mostrando as conchinhas que prendem os retinaculos dos caudiculos de póllas, augm.
9 — Par de pólinicas, augmentados.
10 — Alguns pelos intermixtos pela glandula tal como existem nos sepalos e parte do pedicello; muito augmentado.
11 — Um pequeno fragmento da casca do pedicello, com dois pelos e glandulas; muito augmentado.

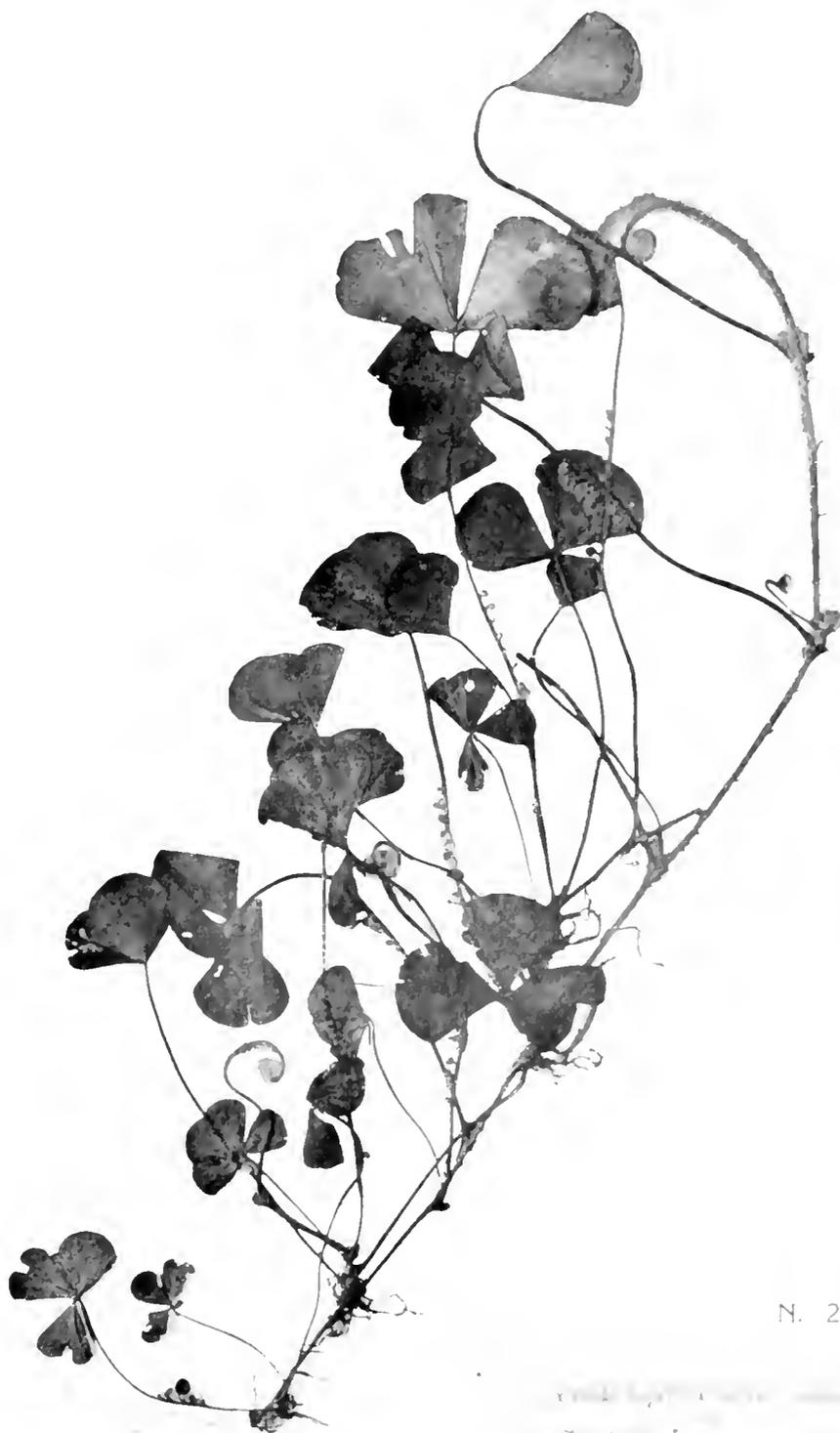
Blepharodon reflexus, Malme.

- Fig. 1 — Uma parte do caule com inflorescência.
2 — Flôr vista por dentro, augm.
3 — Calyce visto por dentro, mostrando as glandulas (a) e o tubo (b) da dehisca augmentado com c.
4 — Gynostegio, augm.
5 — Segmento da coroa visto por dentro, e fora, augm.
6 — Glandula retinaculo que contém o que se chama de "póllas".
7 — Gynostegio e pistillo, augm.
8 — Estigma, augm.
9 — Pólinicas, tamanho natural.
10 — Córdo transversal do tubo, augm.





ADIANTUM LANCEA



N. 2

MARSILIA POLYCARPA



N. 3

PHTHIRUSA ABDITA



ALTERNANTHERA PARONYCHIOIDES.
var. FLORIBUNDA



SCLEROLOBIUM AUREUM



N 6

ZORNIA VIRGATA, var. MAJOR



BANISTERIA CAMPESTRIS

Z. 8





N. 10

QUALEA PILÓSA



Matayba guianensis (L.) Benth.
Celastraceae

N. 11

MATAYBA GUIANENSIS



N 12

THILOA GRACILIS. var MAJOR



HELIOTROPIUM FILIFORME

N. 13

EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA ROOSEVELT-RONDON
1913
Heliotropium filiforme K. & A. Schum.
Rondonia
C. E. L. ...
Fl. ...





N. 14

EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA ROOSEVELT-RONDON
1911
N. 14
Utricularia obtusa
fl. rosada
1911

UTRICULARIA OBTUSA



RUELLIA HYGROPHILA



URAGOGA IPECACUANHA

N. 16



N. 17

EXP. SCIENT. ROOSEVELT-RONDON
C. F. Hartweg
Tocoyena formosa
C. F. Hartweg
1845
Rio de Janeiro

TOCOYENA FORMOZA



N. 18

MIKANIA PSILOSTACHYA, var. SCABRA

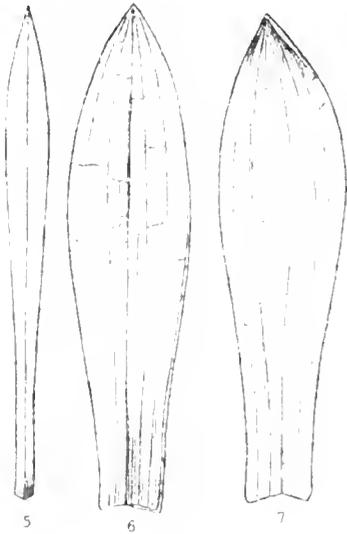
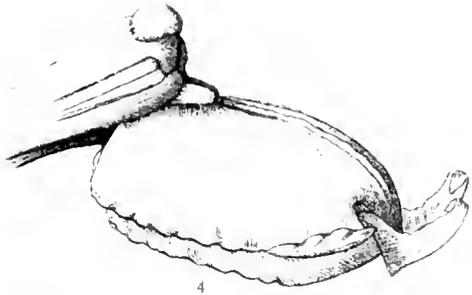
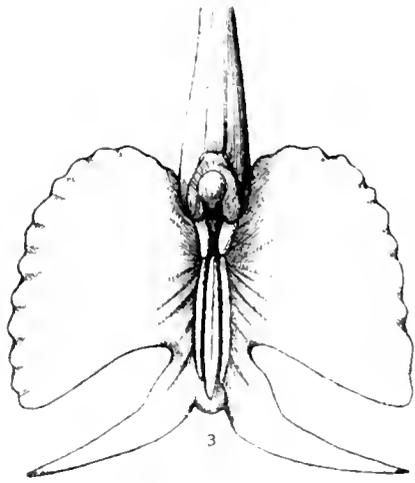


ESC. 45

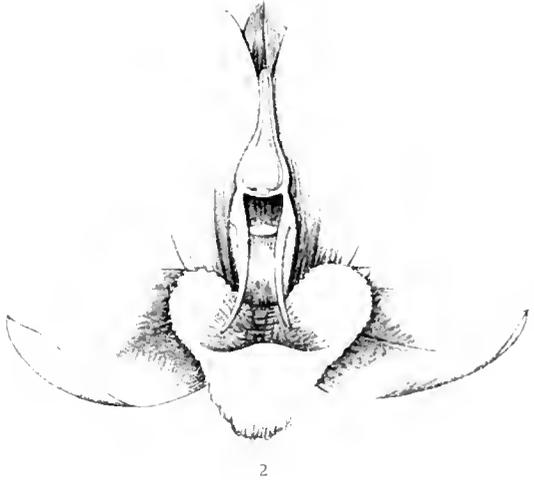
N.º 19
CYPELLA LUTEA



ESC.



ESC. 45



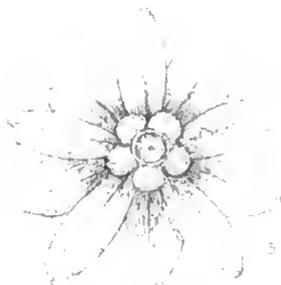
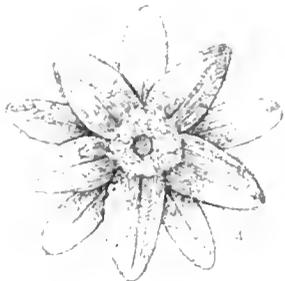
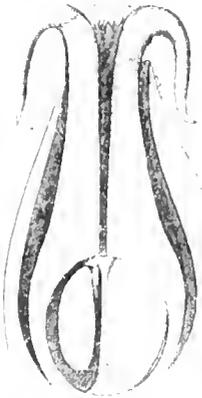
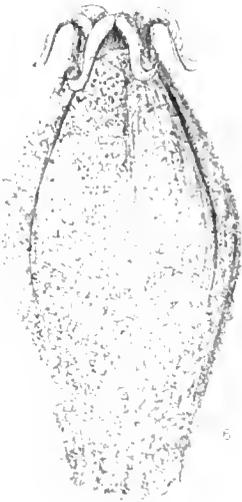
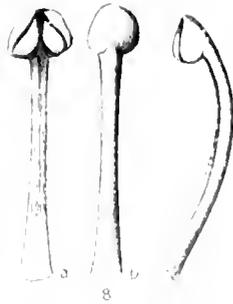
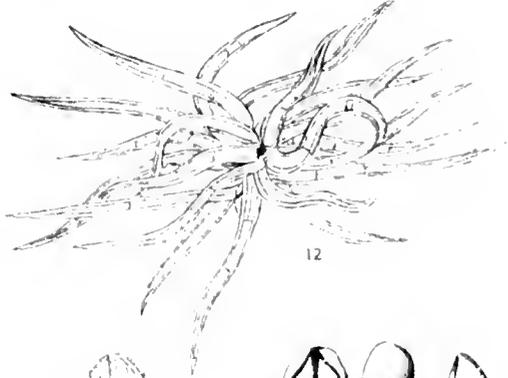
2



3



ESC. 4
5



ESC. 1/5

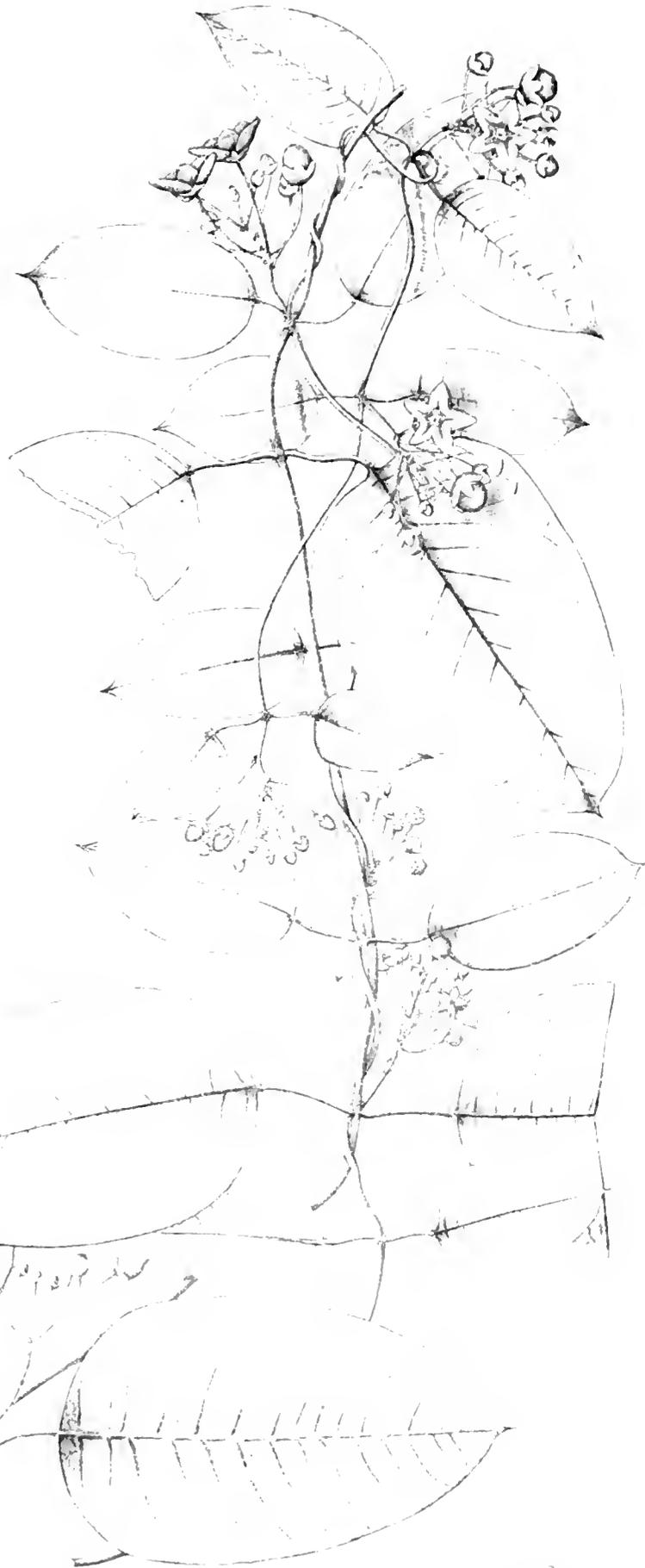
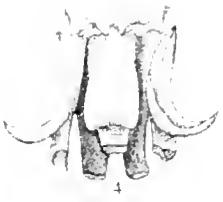
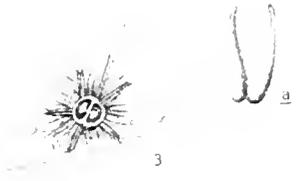
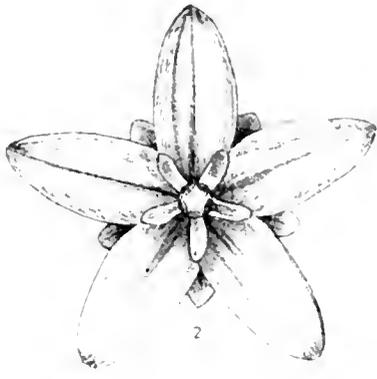
N. 23

TRITON POTUBENSIS

Dr. J. E. H. H. H.



ESC. 34



ESC. 3



3 5185 00102 6861

